



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS - CCJE**  
**FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS - FACC**

**FELIPE ISAAC SALLES VIEIRA DA SILVA**

**A IMPORTÂNCIA DAS ORGANIZAÇÕES ESTUDANTIS  
NA FORMAÇÃO DO ALUNO DE ADMINISTRAÇÃO DA  
UFRJ**

**Rio de Janeiro – RJ**  
**2021**

**FELIPE ISAAC SALLES VIEIRA DA SILVA**

**A IMPORTÂNCIA DAS ORGANIZAÇÕES ESTUDANTIS  
NA FORMAÇÃO DO ALUNO DE ADMINISTRAÇÃO DA  
UFRJ**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Administração à Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FACC/UFRJ).

Orientador (a):

Marcelo Castañeda de Araujo

**Rio de Janeiro – RJ**

**2021**

---

## Resumo

Esse trabalho busca entender qual o papel das organizações estudantis na formação do aluno de administração da UFRJ, identificando, na visão do discente, a importância delas na formação universitária. Para isso, reuniu autores que versam sobre formação extracurricular para se entender alguns conceitos. Através de entrevistas semiestruturadas, foram entrevistados doze ex-membros de organizações diferentes do curso de Administração da UFRJ. Nelas foram abordados alguns temas da formação, divididos em formação acadêmica, formação profissional e formação pessoal. Ao longo das entrevistas ficou evidenciado a importância dada por eles dessa trajetória dentro das organizações estudantis. Os entrevistados, na sua maioria, evidenciaram aspectos que melhoraram a sua formação dentro das três áreas descritas: formação acadêmica, formação profissional e formação pessoal. Também foram caracterizadas as organizações estudantis presentes no curso de Administração da UFRJ. Após as entrevistas pode-se perceber a pouca importância, dada por parte da instituição, para a formação extracurricular, contrastando com a visão dos alunos. O estudo termina sugerindo uma maior integração entre a formação curricular e a formação extracurricular. Além de caracterizar os aspectos que fazem dessas organizações estudantis essenciais para a formação dos entrevistados, traçando um paralelo com o curso em geral.

## SUMÁRIO

1. Introdução .....	4
1.1. O Problema de Pesquisa .....	5
1.2. Objetivos .....	5
1.2.1. Objetivo Geral .....	5
1.2.2. Objetivos Específicos .....	5
1.3. Justificativas .....	5
2. Referencial Teórico .....	7
2.1. Formação Acadêmica .....	7
2.1.1. Formação Não Obrigatória .....	8
2.1.1.1. Formação nas Organizações Estudantis .....	8
3. Metodologia .....	12
3.1. Tipo e Classificação de Pesquisa .....	12
3.2. Participantes da Pesquisa .....	12
3.3. Instrumentos de Pesquisa .....	15
3.4. Procedimentos de Coleta e Análise de Dados .....	15
3.5. Limitações da Metodologia .....	16
4. Resultados e Discussão .....	17
4.1. Motivações de Entrada nas Organizações Estudantis .....	17
4.2. Formação Acadêmica .....	23
4.3. Formação Profissional .....	33
4.4. Formação Pessoal .....	37
5. Considerações Finais .....	40
Referencias .....	44
Apêndice A .....	46

## 1. Introdução

A formação acadêmica se constitui não só na formação tradicional curricular, mas bem como nas opções que o estudante tem dentro de todos os espaços universitários. O discente é um dos personagens centrais da sua formação dentro do ambiente acadêmico (SIQUEIRA; ROCHA, 2009).

As diversas organizações que habitam a experiência universitária são parte integrante da vida acadêmica, social e emocional do estudante. Esse tipo de atividade segundo Alves e Mercuri (2009) é tão importante quando as atividades obrigatórias, na medida que são fundamentais para a formação da autonomia do estudante para a vida. As autoras ainda falam de uma interdependência entre as atividades ditas obrigatórias e as atividades não obrigatórias, na qual está inclusa as Organizações Estudantis. Fato corroborado pelas autoras Siqueira e Rocha (2008) que entendem que as escolhas do estudante para fora da formação curricular são importantes para a formação da identidade e subjetividade deles. Essas escolhas identitárias são muitas vezes materializadas em grupos ou organizações criadas pelos próprios jovens e são parte da sua formação não só profissional como para sua formação pessoal.

Esses tipos de ações e organizações são muitas vezes deixados de lado pelas instituições acadêmicas. Como abordado por Siqueira e Rocha (2008), as universidades somente olham para a atuação curricular do seu aluno e muitas vezes esquecem que a formação dos valores e do cidadão estão, também, sendo formados no ambiente universitário, mas fora das salas de aula. A pouca importância dada pelas universidades também foi abordada na pesquisa feita por Barbosa (2014) que estudou os gestores esportivos de algumas universidades de Minas Gerais. Muitas vezes a gestão do esporte é deixada a cargo dos discentes como mostra Barbosa (2014) no trecho

De todas as IES (n=10), 5 não possuem verba definida e dependem de outros meios informais para realizar seus projetos planejados para o ano. Todas estas IES que não possuem verba definida possuem gestão discente, ou seja, podemos concluir que esse tipo de gestão não possui um respaldo perante a administração da universidade (BARBOSA, 2014, p.59)

Dentro do curso de Administração da UFRJ existem diversas ações e organizações que são formadas de alunos para alunos. Como foi explicitado pelos autores Siqueira e Rocha (2008) e Alves e Mercuri (2009), elas são parte integrante na formação deles e muitas vezes são deixadas de lado pela instituição. Este projeto de monografia busca entender, por meio de

pesquisa com os discentes do curso de administração da UFRJ, a importância dessas organizações na sua formação.

### **1.1 O problema de pesquisa**

Com base nos autores explicitados e aplicados a realidade do curso de Administração da UFRJ este projeto vai se pautar no seguinte problema de pesquisa.

Qual o papel das Organizações estudantis na formação do aluno de administração da UFRJ?

### **1.2. Objetivos**

#### **1.2.1. Objetivo Geral**

Identificar, pela visão dos discentes, a importância das Organizações estudantis na sua formação universitária.

#### **1.2.2. Objetivos Específicos**

- Descrever as Organizações Estudantis vinculadas ao Curso de Administração da UFRJ.
- Caracterizar opções de formação do estudante fora do currículo oficial do curso.
- Identificar a importância da junção da formação curricular com a formação extracurricular.
- Identificar os fatores que levam o estudante de Administração da UFRJ a participarem de Organizações Estudantis.

### **1.3. Justificativas**

Ao longo da trajetória acadêmica, a faculdade proporciona uma série de experiências fora do universo da sala de aula. A experiência universitária é moldadora da vida como um todo, tanto na parte acadêmica, social e emocional. A participação nessas organizações pode, mesmo sem ser o objetivo final do discente, acabar por mostrá-lo um caminho para sua trajetória profissional. Como mostra a pesquisa de Alves e Mercure (2009) muitos formandos citam atividades não obrigatórias como marcantes dentro da sua trajetória universitária. Em alguns casos essas atividades foram as únicas citadas.

A importância dessas Organizações Estudantis como parte integrante da vida universitária ainda é muito pouco explorada dentro da produção científica. A maior parte dos estudos se debruçam na formação curricular tradicional, no que o mercado espera da formação de estudantes e nos aspectos quantitativos (gênero, idade, renda...). A maior parte dos estudos

que criam um vínculo com as Organizações Estudantis são monografias e as produções revisadas por pares ainda são poucas.

Alguns autores da área consideram que a universidade deveria dar mais importância a essas ações, bem como entendê-las como parte integrante da formação. Para Barbosa (2014), falando especificamente do esporte universitário, deveria ter o incentivo da universidade na condução dos projetos e com investimentos. Deixando o operacional para os discentes, mas com a vista da instituição. Já Siqueira e Rocha (2008) vão além ao afirmarem que

Se assumirmos a centralidade dessas práticas não formais na construção identitária do alunado, isto implicará se fazer escolhas sobre quais delas devem ser estimuladas, assumidas como projetos ou questionadas e até excluídas do espaço universitário, compartilhando a comunidade universitária a responsabilidade dessas decisões com a sociedade civil e assumindo as consequências éticas e políticas dessa escolha (SIQUEIRA; ROCHA, 2008, p.162-163).

Este estudo busca analisar, por meio de pesquisa, qual é o papel formador, na visão dos discentes, da Organização Estudantil. Além disso, com uma luz sobre o tema espera-se que a UFRJ consiga olhar de maneira mais ampla para esses movimentos estudantis e entendê-los como agentes integrantes do universo dela.

## **2. Referencial Teórico**

Para a formulação deste capítulo foi utilizada pesquisa de artigos na base de dados da Scielo, Spel e na plataforma da CAPS. Foram utilizadas para a busca, dentro dessas bases, as seguintes palavras chaves: “Organização Estudantil”, “Organizações Estudantis”, “Atlética” “Atléticas” “Formação” “Formação Acadêmica” e “Empresa Junior”.

### **2.1 Formação Acadêmica**

A Lei 9394 que estabelece as diretrizes e bases da Educação nacional que em seu Artigo 53º trata da autonomia das Universidades. Deixando a cargo dela a criação e extinção dos cursos de nível superior, previstos na Lei. Fixar os currículos, observando as diretrizes gerais pertinentes, e as estabelecer as chamadas atividades não obrigatórias como pesquisa científicas, produção artísticas e atividades de extensão (BRASIL, 1996).

Com a flexibilização dada pela lei, colocando mais autonomia para as universidades, faz-se necessário um projeto político-pedagógico, que não deve somente ficar preso nas grades de disciplinas. O crescimento integral do estudante deve ser almejado pela universidade. O chamado currículo deveria abarcar o desenvolvimento acadêmico, profissional e cultural dos estudantes (ALVES; MERCURE, 2009).

Siqueira e Rocha (2008) relatam que muitas vezes as universidades se omitem da sua responsabilidade de formação do caráter de seus alunos, focando apenas nas grades curriculares e o que acontece dentro do seu espaço de sala de aula.

Segundo Queiroz, Oliveira Sobrinho e Alexandre (2008) a maioria das aulas ainda é expositiva que concentram o saber nos professores e que acabam por diminuir as responsabilidades dos alunos. Ainda citam, que faltam aulas com saberes mais práticos e poucos trabalhos de campo. Corroborando a isso, a pesquisa de Gondim (2002) mostra que a formação da identidade profissional é construída ao longo da trajetória universitária. Porém, muitos alunos acabam o curso sem entender a sua identidade profissional, pois não tem clareza nas competências e habilidades adquiridas ao longo do curso.

Ainda na pesquisa de Gondim (2002), a autora relata que o sentimento da maioria dos formados é que a formação universitária não consegue abranger o que o mercado de trabalho necessita. Segundo os formados há um distanciamento muito grande entre a grade curricular e as competências exigidas. Além disso, a falta de experiência de professores com a prática do mercado cria um descompasso com as teorias ensinadas em sala de aula.

Segundo Alves e Mercure (2009) o currículo deve ser entendido como um conjunto de atividades vivenciadas pelos alunos. Nesse conjunto se faz necessário as atividades obrigatórias, aquelas que são necessárias para o término do curso, e as atividades não obrigatórias, que podem ser feitas fora da sala de aula ou até mesmo fora do espaço físico da universidade, e que são escolhidas pelos próprios alunos.

### **2.1.1 Formação Não Obrigatória**

Alves e Mercure (2009) definem as atividades não obrigatórias como

caracterizadas pelas atividades vivenciadas pelos alunos dentro ou fora da sala de aula ou do espaço físico da universidade, nas quais existe uma maior autonomia do estudante na seleção das experiências com as quais se envolverá. Essas atividades podem ser ilustradas pela participação em monitoria, iniciação científica, nos órgãos de representação estudantil, em congressos e eventos científicos, entre outros (ALVES; MERCURI, 2009, p. 195)

As autoras ainda apontam que mesmo as atividades de cunho não obrigatório deveriam ser mantidas sob o olhar das instituições. O caráter formador dessas atividades tem que ser considerado pelas instituições, que devem entendê-las como parte do currículo do curso (ALVES; MERCURE, 2009)

Para Castro (2008) a procura do aluno pelas organizações estudantis vem da criação de laços sociais baseados na identificação de objetivos considerados coletivamente importantes. A noção da participação desses grupos vem de uma busca pelo coletivo com o objetivo de melhorias para o todo. Ela ainda cita que a principal motivação dos jovens é a possibilidade de mudança de algo que parece errado. Eles veem nas organizações estudantis uma forma mais acessível de participação da melhoria do todo. Esses jovens vencem a apatia e o conformismo e buscam realizar as ações e não esperar que outros as façam.

#### **2.1.1.1. Formação nas Organizações Estudantis**

Para Siqueira e Rocha (2008) a formação de agrupamentos dos alunos é essencial para formação do estudante. As autoras se concentram especificamente na formação do caráter desse indivíduo, que é moldado nesses espaços de convivência muito mais que nas salas de aula. Essas experiências são moldadoras da identidade e subjetividade dos discentes, já que estão ligadas a escolhas individuais, mas com caráter social da comunidade acadêmica. Para elas, assim como Alves e Mercuri (2009) falam da importância da universidade está próxima das atividades não obrigatórias, é essencial que a universidade entenda que estão sendo formado o caráter de seus estudantes e que ela tem que ficar permanentemente perto, já que as atividades

desenvolvidas têm que estar relacionadas com os valores que a instituição espera de seus egressos.

Castro (2008) cita que o desejo da transformação social e a possibilidade de participação ativa dessa transformação, via organizações estudantis, é quase um tipo de convocação, no qual se renuncia a muitas coisas para a participação direta dessa transformação. Muitos jovens na pesquisa da autora citam a necessidade de compreensão do mundo a sua volta como um dos aspectos que levam a organização estudantil, como se essas instituições te levassem a entender melhor o mundo que vivemos, principalmente nas organizações com espectros políticos marcantes e participação do debate coletivo da universidade. Junto a isso, a pesquisa da autora mostra que a participação nas organizações entrega para o jovem mais reconhecimento social e pertencimento, o que acaba por aumentar a importância e o significado das suas ações.

Outros autores focam na formação profissional que essas organizações estudantis podem proporcionar para os discentes. É o caso de Barbosa (2014) na sua pesquisa sobre gestão do esporte universitário, aponta que várias instituições de ensino deixam a cargo dos discentes a promoção das atividades esportivas das instituições, por meio das Atléticas, chamadas por ele de A.A.A. Ele cita que algumas atribuições e deveres oriundo dos cargos de gestores esportivos, de suas universidades, podem contribuir com a sua formação profissional. Algumas dessas características pelo autor citadas são: proatividade, liderança e tomada de decisão.

Ainda no foco em Atléticas, a pesquisa de Palma *et al.* (2018) revela que esses gestores discentes das A.A.A. gerem números bem consideráveis. Alguns deles tem acesso a um orçamento, somente na parte esportiva dessas associações, chegando a um valor de R\$ 110.000,00 anuais. A maioria afirmou que esse orçamento é proveniente de venda de produtos, realização de festas e taxa de associação paga pelos participantes. Mostrando assim outras áreas de atuação dos discentes dentro das Atléticas. Outros números interessantes identificados pela pesquisa, é que esses gestores esportivos chegam a gerir até 250 atletas universitários em até 25 modalidades e que a maioria desses atletas são treinados por técnicos profissionais. Algumas dessas Atléticas chegam a representar até 40.000 estudantes. O tempo de trabalho em função das associações atléticas podem chegar a 32 horas semanais. Em decorrência dessas experiências as autoras citam como pontos importantes que agregam na formação profissional desses gestores a prática de gestão de risco, gestão de pessoas, liderança e processos de comunicação. Além disso, Palma *et al.* cita que o esporte já é por si só um meio de adquirir

competências, tanto na vida profissional como na vida pessoal, transcendendo a questão da gestão e da saúde financeira da atlética

Ainda em aspectos profissionais, autores abordam as Empresas Juniores, que das organizações estudantis são as que tem mais material para ser colido nas bibliotecas virtuais. Autores como Barbosa, Rabelo Neto e Moreira (2015) e Queiroz, Oliveira Sobrinho e Alexandre (2018) abordam o aspecto do empreendedorismo dentro dessas organizações. Eles relatam que esse tipo de tema ainda é pouco difundido dentro da grade curricular da maioria dos cursos, inclusive na Administração. Os autores concordam que as Empresas Juniores têm papel fundamental na criação de um espírito empreendedor no discente, tal espírito é não só necessário para a abertura de negócios, mas também na participação de empresas já existentes. A experiência em se viver em um mundo empresarial e a oportunidade de se romper a barreira entre a teoria e a prática são descritas como fundamental na formação desses discentes.

Apesar dos benefícios trazidos e explicitados acima muitos autores ainda vem um distanciamento entre a instituição e as organizações estudantis. Siqueira e Rocha (2008) apontam que os alunos sentem falta de experiências sociais promovidas pelas universidades. Elas ainda apontam que as experiências promovidas e propostas pelos universitários precisam primeiro ser conhecidas pelas instituições e a partir daí validadas ou não por elas.

Barbosa (2014) aponta que o incentivo para gestores esportivos universitários discentes em assumir esse cargo é muitas vezes por amor a própria instituição e pelo desenvolvimento do esporte. Apesar disso, aponta que a maioria das instituições por ele pesquisadas, cujo gestores são discentes, não tem apoio nenhum da instituição que representam. Esse ponto é o mais citado entre esses gestores quando perguntados o maior desafio que enfrentam para a realização do seu trabalho.

tanto os departamentos de esportes ou as A.A.A. deveriam estar inseridos em uma realidade mais ampla, não se limitando à participação em competições e em outras ações. Deveriam estar alinhadas aos objetivos da instituição, visando seu crescimento no mercado (Toledo, 2006 apud Palma *et al*, 2018, p. 154)

Corroborando com a visão do pouco apoio institucional, na pesquisa de Gondim (2002), os estudantes formados que se vem sem uma identidade profissional apontam como um dos fatores a ausência de apoio da instituição para com as empresas juniores, quando existem no curso, e a ainda pouco presença delas em muitos cursos.

Castro (2008) mostra na sua pesquisa que esse pouco apoio transcende ao universo institucional da universidade e acaba por abalar algumas relações pessoais. Além de reprovações nas matérias, muitos participantes falam de dificuldades com a família e até nós relacionamentos. Muitas vezes a grande participação nas organizações fazem com que isso seja um dos aspectos mais importantes da vida do estudante. Castro (2008, p. 260) cita que “Para os jovens dessa pesquisa, embora a opção pela causa coletiva cause-lhes dificuldades, ela permanece como fundamental nas suas vidas”

### **3. Metodologia**

Essa seção tem o intuito de apresentar o planejamento da pesquisa a ser desenvolvida. Apresentando o tipo e classificação da pesquisa, bem como a apresentação dos participantes dela. As definições de como serão realizadas as coletas de dados também serão apresentadas nesse capítulo

#### **3.1. Tipo e Classificação da Pesquisa**

O objetivo da pesquisa é descobrir qual a importância das organizações estudantis para a formação do aluno de Administração UFRJ, na visão do discente. Para isso, foi utilizado o método de pesquisa qualitativa, em pesquisa descritiva, por meio de entrevistas individuais Semi estruturadas.

Segundo Gil (2008) uma pesquisa descritiva tem no seu conceito abordar as relações entre variáveis distintas. A pesquisa qualitativa para Zanelli (2002) tem uma preocupação maior em desenvolver conceitos do que os aplicar. Para Gunther (2006) o objeto de estudo das pesquisas qualitativas diz respeito ao desenvolvimento do indivíduo.

A escolha por coletar dados a partir de entrevistas individuais semiestruturadas, se deu, pois, como disse Zanelli (2002) o objetivo principal é entender o que as pessoas aprenderam e as suas percepções dos acontecimentos do seu mundo, e com a entrevista, o pesquisador consegue que os interesses da pesquisa venham à tona.

#### **3.2. Participantes da Pesquisa**

As entrevistas foram realizadas com doze alunos e ex-alunos do Curso de Administração UFRJ, com no mínimo seis períodos cursados. Esses alunos fizeram parte, pelo período mínimo de um ano, de uma ou mais organizações estudantis vinculadas ao Curso. A seleção de participantes buscou por uma mescla de cargos nessas organizações. As organizações estudantis representadas nessa pesquisa são de diversas naturezas. São elas: Ligas, Coletivos, Atlético, Centro Acadêmico, Diretório Central dos Estudantes, representações estudantis nacionais e Empresa Junior. Ao todo foram representadas nove organizações estudantis através de seus ex-membros na pesquisa.

Com o intuito de esclarecer as organizações estudantis, bem como o cargo exercido em cada uma delas pelos entrevistados a tabela a seguir ilustra essas informações

Tabela 1 – Cargos e Organizações

Entrevistado	Organizações Estudantis	Cargos	Início da Graduação	Fim da Graduação
A	CADM	N/A	2011.2	2018.1
	AAAA UFRJ	Diretor de Eventos		
B	AAAA UFRJ	Diretor de Eventos/Diretor Comercial/Vice Presidente	2013.1	-
C	CADM	N/A	2013.1	2020.2
	DCE UFRJ	Primeiro Secretario Geral/Diretor de Eventos/Diretor de Comunicação		
D	UNE	-	2011.2	2018.1
	CADM	N/A		
	DCE UFRJ	Diretor de Cultura		
	AAAA UFRJ	Diretor Financeiro		
E	ANEL	Executiva Estadual/Executiva Nacional	2012.1	2018.1
	AYRA	Consultora de Gestão de Pessoas/Consultora de Marketing		
F	AAAA UFRJ	Jogadora	2017.2	-
	Impactos	Gestora do Núcleo Social		
G	CADM	N/A	2017.1	-
	AAAA UFRJ	Jogadora/Staff		
H	Camissão de Trote	Tesoureiro/Marketing	2011	2018
	AAAA UFRJ	Staff		
	AYRA	Consultor de Projetos/Gerente de Projetos		
	Rio Junior	Coordenador de Comunicação do EFEJ		
I	AAAA UFRJ	Jogadora/Staff/Vice Presidente/Presidente	2015.1	2019.2
	AYRA	Consultora/Supervisora/Diretora de Gestão de Pessoas		
J	AAAA UFRJ	Diretor de Esportes	2011.2	2015.2
	AYRA	Trainee		
	Comissão de Trote	Staff/Diretor Financeiro		
K	AAAA UFRJ	Diretora de Marketing	2013.2	2019.2
	AYRA	Consultora de Marketing		
L	AAAA UFRJ	Jogador/Staff	2013.1	2018.2
	AYRA	Coordenador/Diretor		
	Rio Junior	Diretor de Comunicação		

CADM – O Centro Acadêmico de Administração da UFRJ tem como sua incumbência principal uma parte mais operacional. Ele representa as pautas e interesses dos alunos dentro do curso. Tem participação ativa dentro da formulação de calendários, mapeamento de salas e outras questões burocráticas do curso. Muitas vezes mediam conflitos entre alunos e docentes, protegendo os alunos. Podemos dizer que ele é a voz do aluno dentro do curso. Como seu organograma é horizontal, não existem separação de cargos dentro da instituição.

AAAA UFRJ – Associação Atlética Acadêmica de Administração da UFRJ tinha como principal objetivo o fomento das práticas esportivas e sociais dentro do curso, através de seus

times e festas. Era a organização que dispunha de mais alunos com participação ativa em seus diversos departamentos. Alguns anos depois de sua criação foi extinta para a criação da Atlética de Finanças que tem as mesmas atribuições, mas representa além da administração os cursos de contabilidade e economia da UFRJ.

DCE UFRJ – O Diretório Central dos Estudantes é o responsável por representar a vontade e as pautas do movimento estudantil perante a faculdade. Tem uma incumbência parecida com o CADM, mas perante a UFRJ e não só perante o curso. Podemos pensar que é um órgão acima do CA.

UNE – União Nacional dos Estudantes tem o papel de zelar pelas pautas do movimento estudantil de forma nacional. É a maior instituição estudantil do país e tem uma força política considerável.

ANEL – Assembleia Nacional dos Estudantes surge como uma organização de oposição a UNE e busca representar os estudantes de forma nacional. Mais tarde foi incorporada à própria UNE.

AYRA Consultoria – A AYRA é a empresa júnior de gestão da UFRJ. Além dos estudantes do curso de administração conta com alunos de contabilidade, economia e biblioteconomia. É responsável por consultorias na área de gestão para empresas. Uma das poucas organizações que não tem o trabalho focado apenas de alunos para alunos, já que participa de projetos de empresas privadas e não só da comunidade acadêmica.

Impactos – A Impactos é a liga de mercado financeiro da UFRJ. Seu principal objetivo é difundir o tema do mercado financeiro. Ela também conta com alunos oriundos de outros cursos.

Comissão de Trote – A Comissão foi o embrião para o surgimento da Atlética. Responsável pela prática social dentro da universidade, tinha como principal incumbência a recepção dos calouros do curso. Mais tarde com a criação da Atlética todas as incumbências foram incorporadas pela organização.

Rio Junior – A Rio Junior é a federação das empresas juniores do Rio de Janeiro. Tem como principal objetivo levantar a bandeira do movimento de empresas juniores através de encontros e eventos. Também representa o Rio perante a federação nacional de empresas juniores.

O número de entrevistas foi baseado no ressurgimento de informações, quando as respostas começam a se repetir. As respostas buscadas pelo pesquisador começam a se mostrar com relativa evidência (ZANELLI, 2002)

### **3.3. Instrumentos de Pesquisa**

O instrumento utilizado para coleta dos dados foram entrevistas semi estruturadas. Um roteiro de entrevistas com perguntas foi formulado, porém as entrevistas não ficaram restritas somente as perguntas. Como explicitado por Zanelli (2002) aprofundar o relacionamento é prioritário. As entrevistas tiveram a preocupação de ser quase conversas, com o linguajar adequado para o grupo específico estudado.

### **3.4. Procedimento de Coletas e Análise de Dados**

As entrevistas foram individuais, realizadas por vídeo conferência, previamente agendada com o entrevistado. Todas elas foram gravadas, com anuência dos entrevistados, para transcrição posterior. Além disso, anotações foram feitas no momento da entrevista, para melhor compreensão do todo.

A técnica utilizada para a realização da entrevista é com ênfase no relativismo cultural. Zanelli (2002, p. 84) define como “à participação ativa do entrevistador e à voz do entrevistado”. Zanelli (2002) complementa que é uma técnica interpretativa, com bastante participação do pesquisador. A cooperação entre entrevistador e entrevistado são essenciais.

Com a intenção de qualificar a análise de dados foram definidas categorias que permitem melhor alocação das falas do entrevistado. Elas buscam separar a jornada dentro da organização estudantil e melhor compreender a visão do discente da importância delas na formação. Zanelli (2002) apresenta que categorias facilitam a atribuição de significados e as interpretações. Com base nisso as categorias são:

- Motivações de entrada nas organizações estudantis
- Formação acadêmica
- Formação profissional

- Formação pessoal

Após a classificação das falas, no tratamento dos resultados, buscara condensar e destacar as informações a serem analisadas. É o momento da intuição, da análise reflexiva e crítica (BARDIN, 2006 apud MOZZATO; GRZYBOVSKI, 2011)

### **3.5. Limitações da Metodologia**

Toda metodologia tem suas limitações, as entrevistas são reflexo do que os entrevistados querem falar e do tempo e espaço que esses acontecimentos ocorreram. Algumas dessas limitações podem ser impostas pelo tipo de linguagem, pela percepção do próprio entrevistado, que pode levar o entrevistador a uma ótica distorcida dos fatos, e as limitações da fala dos entrevistados, que podem não conseguir expressar em palavras os seus sentimentos ou ficarem com medo de mostrarem falta de sensibilidade ou serem descortês. Esses tipos de limitações podem levar o entrevistado a uma falsa compreensão das situações ou acontecimento, mas esse tipo de limitação não invalida o método (GASKELL, 2002)

## 4. Resultados e Discussão

### 4.1. Motivações de Entrada nas Organizações Estudantis

A participação do estudante nas organizações estudantis tem diferentes pretensões que são moldadas tanto por aspectos individuais, mas bem como nas atribuições deferentes das organizações estudantis. Ao longo das entrevistas foram caracterizadas algumas dessas motivações.

Como citado por Castro (2008), muitas vezes essas motivações vêm com a perspectiva da mudança de curso das organizações. Algo que o aluno enxerga como errado e que tem a vontade de colocar uma nova visão no curso da operação dessas instituições. Corroborando as afirmações da autora podemos destacar a frase do entrevistado A:

Quando eu entrei, cara, foi engraçado, porque eu tinha uma visão no CADM muito naquela coisa muito tradicional... ficava panfletando na sala, ficava puxando faixa, aquelas coisas meio tradicionais, assim. Não é ruim, mas assim, eu via que, de certa forma, não era um jeito tão eficiente de chamar a galera e discutir os temas que eram importantes pra todo mundo, que podiam ser tratados de uma maneira mais atual, assim, de repente, usando tecnologia. (A)

Como as organizações estudantis são marcadas por um envolvimento muito grande do estudante, que tem um poder maior nas ações dessas instituições, o entrevistado acabou por realizar, já dentro da instituição, as mudanças que ele vislumbrava de fora, como caracterizado nessa fala:

O primeiro vídeo foi o vídeo da Calourada da galera dois mil e doze ponto dois. A gente gravou a galera tomando trote. Depois eu pensei, pô, podia fazer um ADM *Street View*, assim, a gente foi gravando os locais da PV e botando o nome, só para mostrar pros calouros, apresentar assim. Eu pensava ser importante. A galera passava anos ali, mas não tinha noção da história do local, né? Então, acho até para a gente brigar para ficar na Praia Vermelha, sem a galera entender qual é a história daquele local, é complicado, né? Fica mais difícil discutir. (A)

Para ajudar no entendimento a Calourada é um evento de recepção aos calouros, como são conhecidos os novos alunos do curso.

O sentimento que a mudança pode ser começada pelos próprios estudantes e aliado ao entendimento que numa organização estudantil o estudante pode realmente ser protagonista, palavra muito usada pelos entrevistados, faz com que a motivação para a mudança do todo fique muito latente nas entrevistas. Esse sentimento foi representado nessa frase do entrevistado H: “Vamos fazer isso acontecer. E esse que foi meu gás de querer fazer entrar numa comissão, entendeu? Porque a gente não tinha nem jogos assim, intra UFRJ ou dentro do Rio”. Como outros cursos já tinham jogos e disputas entre atléticas consolidadas, como Direito e Medicina,

muitos estudantes entravam na universidade esperando participar desses espaços. Nas entrevistas ficou claro que, para uma parte deles, isso era parte de uma experiência universitária esperada. A entrevistada E que entrou no período que ainda não tinha se criado a AAAA UFRJ resume esse sentimento: “Sempre fui apaixonada por esporte e confesso que quando eu entrei na faculdade não tinha uma atlética, foi uma super dura no meu coração, mas logo depois ela se fundou”. Uma outra fala da entrevistada K também vai no mesmo caminho:

Quando a gente fala de atlética, quando a gente fala de faculdade, a gente pensa muito nos jogos, tem toda uma questão de mística, da atlética nos jogos, que quando você é calouro, você entra, você fala assim, caraca, eu vou em todos os jogos, vou aproveitar muito, é ali que eu vou viver a minha vida. E aí, eu pensava muito, cara, e a administração não tinha. Então, eu queria muito fazer muito parte disso. (K)

Ainda segundo Castro (2008) a perspectiva de melhora do todo, o bem comum, é uma das características mais importantes para a entrada dos jovens nas organizações. No caso do entrevistado C as mudanças eram estruturais da própria universidade. Como caracterizado nessa fala:

Questão de a gente não ter salas, estudar em contêiner, etcetera. Sempre as pautas da ADM eram muito estruturais, é uma coisa muito pertinente dentro da PV, que a gente não tem prédio, a gente não tem nada, a gente sempre ficava desalojado, ia para um lado, ia para o outro. (C)

Nessa frase também podemos analisar que a escolha pela organização também está abarcada pelo papel dessa organização no meio universitário. O CADM tem um papel importante nas decisões do curso, ele vislumbrou que poderia fazer diferença nesses aspectos e a organização certa para isso era o CADM. Ele também lembrou que um fator, presente na nossa universidade, fez ele entender qual era o tamanho que o movimento estudantil tem dentro do universo acadêmico, e que ele representa um conjunto gigante do universo acadêmico que são o corpo discente. Ele expressou seu pensamento através dessa frase:

Eu sentia a relevância da organização acadêmica e eu acompanhei a greve da UFRJ de dois mil e doze. Foi uma greve histórica, assim, que foi muito grande e que eu já era de movimento estudantil de ensino médio, já estava prospectando UFRJ no vestibular(...) eu entendi que para a UFRJ como um todo, aquilo ali era meio crucial, assim, porque acho que as pessoas que estavam ali faziam a UFRJ girar. Também são os estudantes que fazem a UFRJ girar. (C)

Outro fator que podemos analisar é a participação dele no movimento estudantil secundarista, que mostra segundo Costa (2008) uma vontade ativa de participação e mudança do todo já no aspecto escolar. É bom pontuar que o entrevistado C fez escola pública, a FAETEC RJ, que tem um papel importante no movimento secundarista, e que enfrenta problemas semelhantes a universidades públicas.

Outro ex-membro do CADM, o entrevistado D, lembrou que sua experiência no movimento estudantil escolar foi um passo importante para a sua entrada, ele relata na seguinte frase “Então, no final do meu ensino médio, que eu começo a me aproximar, né, das ideias, políticas, estudantes, então, eu já começo a faculdade já conhecendo as pessoas que eram da gestão do CADM. Então, eu entro no CADM desde o meu primeiro dia de faculdade.”. Muitos ex-membros do CADM relataram na entrevista que a proximidade com correntes político ideológicas, principalmente de esquerda, foram um ponto pé inicial para a entrada no centro acadêmico.

A motivação pessoal aliada com o objetivo da organização estudantil foi bastante citada nas entrevistas. Muitos enxergam uma junção de expectativas tanto a pessoal quanto a da organização. Uma frase que explicita isso foi falada por uma ex-membro da Impactos, entrevistada F: “a Liga me chamou mais atenção, porque eu, eu curti esse assunto do mercado financeiro, apesar de não conhecer muito, achava interessante”. Podemos destacar esse tipo de motivação na seguinte frase da entrevistada I “Eu comecei a me interessar um pouquinho mais pela Ayra. Para entender, para ter um pouquinho mais de formação profissional também dentro da faculdade”. Muitos ex-membros da AYRA citam o desejo para uma formação profissional como ponto de partida para sua entrada na organização. Outra fala que vai ao encontro é de uma outra ex-membro, entrevistada K, que via a AYRA como um trampolim profissional: “Porque como eu entrei no curso de administração, a questão de estágio era muito forte, eu nunca tinha estagiado, trabalhado, não tinha nenhum contato com isso, eu queria ter essa experiência pra eu ter alguma coisa pra recheiar mais o currículo”

Algumas vezes essa expectativa de fora não se concretiza com a entrada na organização. O entrevistado J percebeu suas reais expectativas, dentro do universo acadêmico, quando ingressou na AYRA:

No segundo semestre eu entrei como "trainee" da Ayra Consultoria, eu falei, cara, vou me dedicar, cara, acabou, acabou a bagunça... Vamos focar, vamos focar, vamos focar no trabalho, vamos construir, vamos construir uma parte acadêmica... Aí eu entrei na Ayra. A Ayra é mais empresarial, né? Fazem consultoria e eu fui, "trainee", ali eu não me senti muito confortável, porque eu comecei a perceber que ali a Ayra estava me levando para um caminho mais sério do que eu gostaria. (J)

Ele acabou por entrar em uma outra organização com outro objetivo: “Vou querer entrar para a comissão de eventos, que eu estava gostando dessa coisa de evento, trote, pessoal fazendo luau, pessoal fazendo choppada. Eu gosto muito de conversar com pessoas”. A experiência universitária é muito plural e os agentes dessa experiência podem se encontrar com diferentes

objetivos. Como dito por Castro (2008) o que une todos os entrevistados é a falta de apatia e a vontade de criar suas próprias experiências.

Um outro fator muito lembrado durante as entrevistas é a possibilidade de se enturmar, conhecer mais pessoas dentro da universidade. Algumas citações que mostram esse fator latente são: “Então, acabou que a gente entrou em março, começou a greve em maio. Eu fiquei muito tempo longe da faculdade. Quando a gente voltou, começou o processo seletivo da Ayra. E aí, eu vi como uma oportunidade de conhecer mais as pessoas, sabe?”. Ainda na linha dos laços sociais a presença de amigos dentro das organizações também foi um fator muito lembrado nas entrevistas para a entrada dessas pessoas na organização. Uma frase que ilustra isso é, também de um ex-membro da AYRA, do entrevistado H: “Eu tinha um amigo próximo que tinha acabado de ser eleito diretor de marketing da AYRA, e ele é o nosso veterano, né? Ele ficava enchendo o saco para que eu entrasse na AYRA”

Alguns entrevistados citam uma procura pelas organizações estudantis como um complemento do curso, algo que a sala de aula somente não consegue te dar. Como citado por Gondim (2002) somente a formação acadêmica tradicional não consegue abarcar, para esses entrevistados, o que lhe espera mais a frente, no mercado de trabalho. O uso da organização estudantil foi um alicerce para o conhecimento do seu eu profissional. O entrevistado L consegue expressar esse sentimento na seguinte frase:

Só que aí, a partir do momento que eu fui fazendo as matérias e tal, eu tive pouquíssima identificação, assim, com o curso, logo de cara(...) E aí a minha busca pelas organizações foi muito no intuito de entender um pouco mais, assim, um pouco mais a fundo nas áreas que eu tinha um possível interesse, para sacar qual é, qual é, qual carreira eu ia querer seguir porque a faculdade não me dava essa resposta. (L)

As palavras “pertencimento” e trabalho em equipe” esteve presente em todas as entrevistas e mostram como as organizações estudantis têm um papel importante na relação com o curso. Como falado por Castro (2008) a causa coletiva é aspecto fundamental na vida desses estudantes. Além disso, como mostrado por Alves e Mercuri (2009) as atividades ditas não obrigatórias são muitas vezes as mais lembradas dentro da trajetória universitária. Corroborando também as afirmações de Siqueira e Rocha (2009) sobre a formação da identidade dentro das organizações estudantil, pois são escolhas individuais. Juntando as autoras, a escolha individual, dentro das atividades não obrigatórias, leva muitas vezes a uma tentativa de melhoras a causa coletiva. Esses sentimentos acabam por gerar o “pertencimento” e isso gera uma espécie de amor ao curso e a sua evolução.

Algumas frases explicitam essa busca pela melhora do ambiente do curso. Muitas vezes foi mostrado nas entrevistas que a realização do trabalho vem com o bem coletivo e a sensação de ter marcado, de alguma maneira, o seu nome nessa evolução. O entrevistado J mostra em muitas frases esse sentimento:

A Copadm para mim foi o grande divisor de águas. Foi ali que a gente começou a ver que quando a gente fazia, por exemplo, choppada, luau e recepção, a gente não conseguia conectar o curso inteiro, do primeiro até o último período e com a Copadm foi a primeira vez que a gente conseguiu fazer essa conexão do primeiro até o último período. (J)

Foi ali, foi o primeiro passo de, como eu posso dizer, que eu via o curso em si junto. Porque é muito difícil o curso de administração estar junto, por quê? Porque as pessoas que estão ali, a maioria delas ou uma parte delas, elas não sabem o que fazem, ou herdou o negócio do pai e está ali fazendo. Então, as pessoas não têm muito aquela, as pessoas não têm muito aquela, aquela, não é convicção, aquela, aquele amor pelo curso. E ali, foi a primeira vez que eu vi todo mundo unido. Se foi pela farra, porra, não faço ideia, mas todo mundo estava ali unido. E o bacana dessa união é que eu escutei muito, assim, quando terminou o evento, foi exatamente assim, a galera, né? Veio falar comigo e falou assim, é a primeira vez que alguém consegue fazer isso dentro do curso. (J)

Vimos a união do curso, vimos ali o crescimento dela, cara, o crescimento... Cara, a inserção da ADM UFRJ, dentro do cenário de atléticas. (J)

Quando a gente cria a atlética, a gente começa a se dedicar muito. E ver as pessoas que estão em volta, vindo junto, construindo, tudo mais, isso começa a dar mais ânimo e isso reflete, literalmente, no nas conquistas da atlética. (J)

Eu consolidei o amor, a pessoa ter orgulho de estudar, fazer administração na UFRJ, ter amor a fazer administração, coisa que quase ninguém tem. Cara, é uma conquista. Cara, vocês mudaram a vida de uma... se você parar para pensar tem uma porrada de gente que é amigo hoje, amigo mesmo, de gente da atlética, que fez amizade da época de atlética. (J)

A gente mudou a vida de pessoas, entende? Pessoas, literalmente, pô, cara, é gigante, gigante, o que a gente fez na faculdade. (J)

Além do entrevistado J, outros entrevistados verbalizaram frases que mostram esse sentimento de felicidade com a evolução coletiva. Um dessas frases é da entrevistada E, falando da evolução da atlética depois da sua volta de um período de intercâmbio: “foi muito gratificante, assim, ver o quanto que ela tinha crescido, o que ela estava se tornando, os times crescendo e tudo mais...”. O entrevistado H mostra que a sua gratificação foi dar o primeiro passo para que a atlética fosse, mais para frente, uma oportunidade para quem viria na sua posteridade: “Então, assim, a minha grande conquista que eu falo de atlética, de dizer que o nome tá lá como um dos fundadores, é poder ter ajudado na gestão dessa pequena célula, para que mais gente se interessasse”. A entrevistada K mostra que sente que construiu algo na faculdade, corroborando com a visão das autoras Alves e Mercure (2009) que as experiências vividas nas atividades não obrigatórias são muito marcantes na trajetória universitária:

É uma coisa que eu sinto que eu construí na minha faculdade, sabe? Que é todo esse início, pô, o Jogos sei lá, e a sensação de pertencimento, de estar no time, de mesmo não saber jogar muito bem, mas tá ali, dá a cara, porque se a gente não tá ali, não ia ter ninguém, não ia jogar e assim, não ia acontecer. (K)

Também na mesma linha o entrevistado L mostra que sente o seu trabalho presente na atlética: “Todas aquelas primeiras camisas lá da Atlética, teve o meu dedinho de uma forma ali”

A entrevistada F fala na entrevista qual era o sentimento que ela via das pessoas da organização: “Então, e eu estava cercada de gente que amava a parada, porque dentro da organização estudantil, eu acho uma parada muito interessante, você tem que tá ali, porque gosta, porque tudo não tá ganhando entre aspas, nada com isso, né?”. Pegando esse gancho, muitos entrevistados usaram a não gratificação financeira como uma forma de mostrar que eles faziam o trabalho por amor, porque queriam. Como o soldo é a compensação normal do trabalho na nossa sociedade, muitos enaltecem o trabalhar de forma gratuita para mostrar que tinham outras compensações. O fato de ser um trabalho voluntário também traz problemas para os alunos que muitas vezes, relatado ao longo das entrevistas, tem que fazer uma escolha pelo retorno financeiro e acabam por deixar as organizações estudantis. Processo que pode ter um caminho normal, com a chegada da formatura e a necessidade de se ingressar no mercado de trabalho ou um caminho abreviado, por necessidade, como dito pela entrevistada E: “Na época eu até queria, pensei em me inscrever pra participar da diretoria e tudo mais, porque eu gostava mesmo da organização, mas eu tinha que procurar um estágio remunerado, já que a AYRA era não era remunerada”.

Como o explicitado por Barbosa (2014), na sua pesquisa, a maior parte dos gestores de AAAA, que podemos colocar como a realidade de grande parte dos participantes de organizações estudantis, fazem o trabalho pelo amor a instituição, tanto a universidade quando do curso. Na frase da entrevistada K mostra que a felicidade que ela tinha de participar das organizações:

A sensação de realmente eu estou num lugar que me faz muito bem, porque eram as pessoas ali, eu estou fazendo uma coisa que eu gosto, eu estou envolvida, eu estava muito engajada com tudo, tipo, nunca foi sofrido para eu ir para faculdade, eu lembro, eu sempre gostei de ir lá e isso foi muito por conta das organizações. E aí, a atlética é cem por cento relacionada a isso. (K)

## 4.2. Formação Acadêmica

Muitas vezes, essa noção de “pertencimento” transcende a relação com os participantes do curso e ajuda no que a autoras Alves e Mercure (2009) chamam de currículo tradicional, que auxiliam na chamada formação acadêmica. O primeiro aspecto que podemos analisar é talvez o mais fundamental que é a diminuição da evasão do curso. Alguns entrevistados mostraram na entrevista que a experiência com as organizações estudantis foram um alicerce para a sua manutenção no curso de Administração da UFRJ. O entrevistado L mostra por duas vezes que foram as organizações estudantis que o mantiveram no curso: “Talvez se não fosse, inclusive, as organizações estudantis, eu teria, talvez, trocado de faculdade, mudado de curso”. “Se não fosse as organizações, certamente eu teria tomado alguma atitude, assim, em relação ao curso. Ou trancado, ou mudado, ou tentado migrar”. O entrevistado B também cita a organização estudantil como um instrumento da sua manutenção no curso: “Com certeza foi um estímulo para que eu continuasse dentro do curso e continuasse cursando Administração, talvez, se não fosse a atlética, eu tivesse mudado de curso ou desistido da faculdade logo nos primeiros anos, assim, com certeza foi um combustível para que eu continuasse cursando”.

Alves e Mercure (2009) falam de uma interdependência entre a formação curricular e a formação não obrigatória. As autoras falam que a universidade não pode ignorar essa conexão existente. Isso fica claro nas respostas dos entrevistados. Quando perguntados se a atuação nas organizações estudantis ajudou na sua relação com o curso, foi uma unanimidade que sim.

Alguns aspectos dos citados foi a relação com os professores. Muito presente nas entrevistas dos ex-membros do CADM, já que sua atuação é mais institucional, comparada com as outras organizações estudantis do curso de administração. Uma das respostas que podemos citar é do entrevistado A: “Acho que me aproximou de alguns professores, me deu uma oportunidade de conhecer mais a fundo, de repente, o que eles faziam e até academicamente. Como eu entrei com a Maria de Fátima na pesquisa dela, acho que ajudou sim.” O entrevistado C também analisa que seu papel no DCE fez com que ele conhecesse ainda mais o corpo docente da UFRJ:

Acabava que esses professores, eles já direcionavam, principalmente dentro do DCE, essa exposição que a gente tem, faz com que a gente tenha contato com diversos professores, faz com que a gente conheça diversas pessoas, né? (...) Então, você vê que essa formação, ela é muito cruzada e que você vai trazendo essas vivências para dentro da formação acadêmica. (C)

Mesmo outras organizações podem te dar esse bom relacionamento com os professores. O entrevistado J fala até da secretaria do curso, pois ele tinha uma posição na atlética que

demandava esse bom relacionamento: “eu vou te falar até que atlética me ajudou muito a ter contatos com professores, não só professores, secretaria, principalmente secretaria”. A entrevistada G pontua que a relação, principalmente pela participação dela no CA, que muitas vezes fica responsável por proteger os alunos de alguns embates com professores, pode também ter consequências ruins: “Uma das coisas que eu mais gosto de ter estado no centro acadêmico, foi a proximidade que eu tive com o professor. Em geral, para o bom e para o ruim.”

Outro fator que foi bastante citado pelos entrevistados, foi que a participação nas organizações trouxe para eles uma sensação de uma experiência universitária completa. Muitos citam que sem as organizações o espaço acadêmico ficaria reduzido e não daria a eles a quantidade de oportunidades e conhecimentos que foram adquiridos na jornada universitária. O entrevistado A lembra que a trajetória dentro da universidade é muito maior que somente a sala de aula:

Eu acho que faculdade não é só de diploma na verdade, você passa por grande experiência. Principalmente a faculdade pública, né? Passa por ter uma oportunidade de conhecer gente de todos os países, de outros estados, de ter uma noção mais macro dos problemas do país também (...) A gente também sai dali formado como cidadão.  
(A)

O entrevistado D vai além, diz que para ele a formação unicamente curricular é uma formação pobre: “É, eu acho muito estranho uma pessoa que se forma só indo nas aulas entregando prova. Isso, realmente, para mim, é uma faculdade pobre, né? (...) Uma formação apenas teórica e voltada a avaliação é muito pobre. Não forma a pessoa para tudo que ela vai encontrar na frente.”.

A entrevistada F pontua que:

Eu acho que a cara da universidade, o foco tinha que ser isso, eu acho que se alguém tivesse virado para mim e falado, cara, foca nisso desde o início ia ser perfeito, entendeu? Isso é necessário demais para mim, todo mundo que passa na faculdade devia ser tipo na grade, tem que fazer isso, sabe? Apesar de que isso fosse assim, a galera não ia curtir não, que ninguém gosta de fazer nada, obrigada, né? (F)

Essa frase vai ao encontro com as autoras Siqueira e Rocha (2009) que pontuam que as escolhas individuais acabam por transformar a subjetividade da identidade pessoal. Além disso, como pontuado pelas autoras a universidade deveria estar mais perto dessas ações. A responsabilidade pela formação completa do aluno também é papel da instituição de ensino, por isso ela tem o dever de conhecer que tipo de ações são essas e discutir com a comunidade acadêmica o que ela trás para a formação completa do estudante.

Como as organizações estudantis são instituições sociais, já que são feitas por alunos de formação e pensamento diferente e para alunos de formação e pensamento diferentes. Muitos entrevistados citaram a diversidade de opiniões que a organização proporcionou, tanto no trabalho direto quanto nos envolvidos pelas ações das instituições, como uma diferença para a sua formação acadêmica. O entrevistado A cita: “O CA também teve uma importância para eu ter contato com uma diversidade de opinião, diversidade de vivência ali na faculdade, que eu acho que foi muito rico pra minha formação também.” O entrevistado C também vai nessa linha, quando fala que ter participado do DCE UFRJ deu a ele oportunidades de conhecer pessoas de diferentes cursos: “Quando você começa a trocar com outras áreas, você consegue entender que a sua graduação, ela não é só aquilo, né? Você, às vezes, consegue entender a pluralidade que é a UFRJ.” A entrevistada G pontua que conflitos podem ser gerados por essas diferenças também, mas mesmo eles te ajudam na sua formação: “Primeiro na política de você conseguir ter o jogo de cintura pra lidar com diferentes forças, diferentes opiniões, assim, muitas vezes conflitantes”

O encontro com diferentes pessoas e a possibilidade que as organizações estudantis te dão de se conectar com uma camada maior do curso, não traz só o lado da diversidade. Alguns outros fatores foram lembrados pelos ex-membros nas entrevistas, como algo que ajudou na sua formação acadêmica. A facilidade de comunicação com os outros alunos para ajudá-los nas suas aulas, foi um deles. O entrevistado C fala que se sentia mais confortável em fazer o trabalho de grupo: “Para quem, e eu via isso assim, já participou do CA, de quem participou da atlética, para quem participou de qualquer organização estudantil, essas pessoas normalmente tinham uma facilidade muito maior de trabalhar com a galera e fazer alguns trabalhos em equipe.” A entrevistada E cita também que um melhor relacionamento com as pessoas melhora a relação com o curso: “Melhorou minha relação com as pessoas e aí acho que as coisas acadêmicas fluem melhor”

Além disso, a troca de informações e materiais, das matérias, foi bastante citada nas entrevistas. O entrevistado C lembra que sempre fazia questão de perguntar e ajudar em relação as matérias para inscrição: “Época de inscrição de disciplina, a galera trocava muito sobre as matérias, sobre eletivas, etcetera. (...) fez eu enxergar coisas, tipo, algumas especializações que existiam dentro de outros cursos que, para mim, não seriam reais, assim, e outras trocas.”. Outro que corrobora com o entrevistado C é o entrevistado J que fala do papel da organização estudantil ligar o curso dos mais novos, chamados calouros, aos mais velhos, os veteranos: “essa ligação do calouro, querendo estagiar, com as vezes um veterano que já tá no final do

estágio ou já tá trabalhando e tá precisando de alguém, ou mesmo pra troca, principalmente de matéria, por exemplo, conseguir material”. Depois ele completa com a sua experiência: “Pelo fato da atlética, eu ter conhecido veteranos, então quando eu entrava dentro da turma e tinha algum repetente ou N outros motivos, ficava mais fácil comunicação, conseguir material, ficava mais fácil também, de pegar o material com os veteranos.”

Apesar de nas entrevistas somente termos ouvido pessoas que trabalharam diretamente nessas organizações estudantis, um fator lembrado pelo entrevistado H é muito importante de ser pontuado:

A pessoa pode, de fato, passar a vida inteira sem ter participado ativamente de alguma organização estudantil, mas ela vai ser afetada por essa organização estudantil. Então, por exemplo, o CA ele é uma organização estudantil que tem uma entrada muito forte no relacionamento do aluno, professor. Então, por exemplo, professor vai ser escroto, vai te reprovar, coisa assim e tal, o CA vai estar ali pra te defender teoricamente (...) então assim, mesmo que você não tenha participação ativa, eu acho que... acho não, tenho certeza que as ações das organizações estudantis impactam no dia a dia do aluno, entendeu? Inclusive em outras questões não somente na construção do cidadão formado, né? Com educação, mas também no bem-estar dele, né? Mental. (H)

Outro a pontuar a participação das organizações estudantis na trajetória dos alunos é o entrevistado J, ex-membro da atlética, que coloca os papéis, na visão dele, de cada organização nesse ecossistema: “A gente também deixava claro o papel do centro acadêmico e o nosso papel. O nosso papel era muito mais essa parte de festa, de união, tentar unir o curso, tudo mais, e a parte do centro acadêmico era a luta.” Luta no sentido de proteger os interesses dos alunos. É impossível falar que qualquer estudante que tenha passado na Administração UFRJ não tenha sido impactado pelas organizações estudantis em algum aspecto. Então, mesmo que ele não tenha tido um trabalho direto nessas organizações a formação dele é, também, moldada por essas instituições. Elas são, na sua maioria, voltadas para o trabalho perene ao curso, impactando muito mais alunos do que existe no seu corpo de trabalho. Esse papel é intrínseco a essas instituições, por isso, o curso como um todo e não só o valor pessoal é muitas vezes citado nas entrevistas, como já descrito aqui. Fato que pode ser observado na frase da entrevistada I: “Eu acho que melhorou muito pelo orgulho, sabe? De fazer parte, assim, porque essas organizações elas existem por conta do curso. E quando você faz parte disso, você se sente muito parte de uma grande família”

Com base nas autoras Alves e Mercuri (2009) que citam a interdependência da formação obrigatória com a formação não obrigatória, quando perguntados se eles conseguiram levar conhecimentos adquiridos na sala de aula para as organizações estudantis, ou conhecimentos adquiridos nas organizações estudantis para a sala de aula, nove dos doze entrevistados

entenderam que sim. Um adendo a ser feito é que dentre esses que responderam que sim, sete pessoas destacaram conhecimentos nas duas vias, mas duas pessoas destacaram somente conhecimentos adquiridos nas organizações que ajudaram na sala de aula.

Nas falas que mostraram que foram aproveitados conhecimentos da sala de aula nas organizações estudantis podemos destacar a entrevistada K que explica que, o que foi aprendido em algumas matérias ajudou o seu trabalho no início da atlética:

Nas aulas, nas organizações estudantis, sim, principalmente quando eu falo da atlética, né? Que a gente teve que todos estruturar uma gestão que a gente não sabia, eu tive que estruturar um departamento de marketing. Então, assim, você começa a colocar mais técnicas, você começa a colocar mais conceitos e você aplica mais os conceitos ali. (K)

Outro que cita esse intercâmbio da sala de aula para as organizações estudantis é o entrevistado H, ele lembra que a teoria aprendida na aula de Regressão e Previsão o ajudou no trabalho dentro da AYRA:

E aí, eu consegui mostrar numa curva bonitinha de regressão, que, pô, olha, você vai ter um ponto de equilíbrio aqui, se você aumentar, além disso, você, possivelmente, vai ter uma queda de vendas, aí você não vai conseguir manter o teu objetivo. Então, no preto no branco, eu, como consultor ali na AYRA, eu consegui vender isso, entendeu? E para tesouraria, matemática financeira me ajudou bastante. (H)

O entrevistado A lembra que tangibilizou o conhecimento aplicando na organização estudantil:

Enfim, mas usava sim, até achava graça que quando a gente vai para aula, a gente fala, cara, onde é que eu vou usar isso? Mas, aí, você pega uma organização do seu dia a dia, assim, tá, com o pessoal, você fala, pô, tem algo que é simples aqui de ser feito e dá pra, não diretamente, não aquela coisa meio burocrática de botar no papel, Excel e tal, mas simples organizações assim, você consegue fazer no dia a dia e eu tirei da, da ADM, da, da aula também. (A)

Uma frase da entrevistada I, que trabalhou na atlética e na AYRA, lembra que muitas vezes essa associação é difícil, já que o que nos parece básico, nos conhecimentos de gestão, para pessoas de outras áreas de ensino não são:

Eu acredito que sim, eu acho que a gente conseguia, por se tratar de um curso de administração, então, a gente vê muito essa parte de negócio, dentro das duas organizações a gente tem que colocar muito em prática, muitas coisas básicas que a gente aprende com a administração, eu acho que pô a gente aprender, a gente acha que é básico em todos os lugares e não é. (I)

Dentre as que destacaram a outra via, conhecimentos adquiridos nas organizações estudantis que ajudaram no rendimento em sala de aula a entrevistada I lembra que teve acesso a alguns conhecimentos primeiro na organização estudantil:

Eu aprendi muitas coisas dentro dessas organizações que foram muito mais fáceis quando eu tive aula sobre isso e é muito mais fácil para você fazer essa correlação. Então, principalmente, pegando o exemplo da AYRA, tive experiências com gestão de pessoas dentro da Ayra. Quando eu foquei, principalmente, eletivas em relação a RH dentro da dentro da faculdade, da faculdade, eu conseguia fazer correlações muito fáceis. (I)

Outra participante da AYRA, a entrevistada K, destacou um ponto semelhante:

Eu vi muitos conceitos de marketing, principalmente na hora de negociar os projetos, que depois, mais a frente, eu também vi dentro de sala de aula. Então, isso é bom que aí eu fui lembrando de algumas coisas que vai facilitando você tangibilizar aquele conteúdo que tá sendo passado, né, porque você já vivenciou. (K)

Podemos destacar a frase do entrevistado D que não lista conceitos aprendidos, mas vê que a participação nas organizações estudantis te ajuda a estar antenado na universidade e por sua vez na sala de aula: “O próprio perfil de uma pessoa que atua no Movimento Estudantil, ela te leva a ser mais participativo nas aulas, a tá mais antenado do que acontece na própria universidade, a conhecer o próprio processo da universidade.”. O entrevistado B diz a seguinte frase: “Talvez a atlética tenha me auxiliado, mas dentro de sala, do que eu dentro de sala na atlética. Então, acredito que sim, que algumas ferramentas e algumas coisas foram importantes, sim, para eu ter um uma facilidade maior nas matérias”.

Podemos destacar que a presença de uma conceituação do que realmente foi trazido das organizações para a sala de aula foi escassa nas entrevistas. Existe um sentimento que elas ajudaram na formação curricular, mas poucos conseguiram traduzir em quais matérias. Isso foi uma tarefa mais fácil para quem trabalhou na AYRA. Nas entrevistas muitos dos ex-membros da AYRA destacaram que tinham muitas palestra e treinamentos, talvez isso tenha ajudado a conceituar as ferramentas que os ajudaram na sala de aula. Uma outra visão exposta pelo entrevistado J foi a sua falta de maturidade para não conseguir fazer essa relação à época:

Então, na verdade, para mim, eram dois mundos paralelos. Eles, na verdade, eles se completam, dá para fazer os dois, a combinação dos dois, entretanto, na época, eu não tive maturidade de fazer essa combinação, e eu acho que se tivesse essa maturidade a Atlética, na época, poderia até tomar outros rumos, literalmente ter um rumo organizacional. (J)

Corroborando com as autoras Siqueira e Rocha (2008) e Alves e Mercuri (2009) quando perguntado aos entrevistados se a participação nas organizações estudantis foi essencial para a formação acadêmica deles, apenas dois falaram que não. Esses dois pontuaram, ao longo da entrevista, vários fatores que os ajudaram na caminhada universitária, porém, como pontuado pelas autoras Siqueira e Rocha (2008), existe um distanciamento, dentro das universidades, da formação curricular para as outras atividades vivenciadas na experiência universitária. Parece

que esse distanciamento também foi observado nas falas dos dois, que não conseguiram linkar a palavra acadêmico com toda a vivência universitária. O entrevistado A, um dos que disseram que não vê a participação na organização como essencial para sua formação disse: “Mas eu acho que minha passagem na faculdade não seria tão rica quanto foi se eu não tivesse passado por ela” isso corrobora a noção desse distanciamento. Também é importante pontuar que vários entrevistados responderam à pergunta falando que para eles foi essencial já que a pessoa que eles são hoje é oriunda do que eles viveram, como explicitado na frase da entrevistada E: “Eu não consigo me visualizar sem ter tido essas experiências, né? Então, para mim foi essencial”.

Alguns entrevistados foram além e conceituaram que a sua participação em organizações foi mais importante do que a formação curricular. Como exposto na pesquisa de Alves e Mercuri (2009) onde alguns alunos somente falaram das suas experiências vividas em atividades não obrigatórias. O entrevistado B resume o sentimento:

Eu considero talvez mais do que cinquenta por cento da minha formação acadêmica foi feita dentro da organização estudantil (...) então, eu acredito que ela me deu todas as ferramentas e a base para eu ser o profissional que eu sou hoje (...) eu considero que foi a atlética que me deu, muito mais do que a sala de aula em si. (B)

O entrevistado L também corrobora com essa visão: “Essencial, cem por cento. Cento e cinquenta por cento, se possível. É aquilo, eu acho que as organizações me formaram administrador, não a faculdade. Infelizmente.” O mesmo entrevistado dá uma opinião forte: “Então, se eu pudesse transformar a faculdade de ADM numa empresa júnior, eu faria”

Muitos entrevistados citaram que as organizações estudantis preencheram lacunas que o currículo não te dá. Nessa parte a palavra “prática” foi muito utilizada. É importante lembrar que a prática, no nosso curso, é conquistada, realmente, fora da formação curricular, porém as organizações estudantis estão presentes no universo da educação. Lá os alunos podem inovar, seguir práticas diferentes do mercado e produzir conhecimentos e ações longe dos pré-conceitos estabelecidos no mercado de trabalho formal. Para Queiroz, Oliveira Sobrinho e Alexandre (2008) faltam aulas de saberes práticos e acontecem poucos trabalhos de campo.

Apesar de no currículo da Administração UFRJ existir a matéria de estágio obrigatório alguns entrevistados analisam que muitas vezes a organização estudantil te dá mais liberdade para a prática. O entrevistado D resume um pouco esse sentimento:

Todas as habilidades e experiências esperadas de um administrador, de um gestor, elas são extremamente desenvolvidas no movimento estudantil, comunicação, liderança, formação de times, política, relações políticas e públicas como um todo, falar em público, conduzir reunião, perceber oportunidades, ameaças, força. Cara,

you can apply everything from the theory of administration in the student social movement as a whole, with a lot of ease and with a lot of effectiveness, you can get very good results applying what you learn there in the theory of the faculty. It is like if it were an internship without remuneration, for idea or for passion. But you can develop much more than a proper internship, because, many times, you will be there doing repetitive, bureaucratic and alienating work from your training. (D)

Another one that highlights a little of the difference of an internship is the interviewee H:

Muito, porque transformei teoria em prática, que é o papel do estágio, né? Só que o papel do estágio, ele é menos flexível do que você empreender nessas vivências acadêmicas, por quê? Você, em todo lugar, tem uma margem de erro e uma margem de experimentação. (...) Então, são organizações que permitem você fazer isso, você refinar as suas habilidades, tanto técnicas quanto comportamentais, porque você se coloca em posições que você não chegaria até, sei lá, cinco, seis, oito anos de carreira, entendeu? (H)

The interviewee B talks about having reached practice within the student organization: "I think that, experiencing the things that I experienced inside the athletics, they brought me, they gave me a much bigger baggage and I did what I managed to do with practice, right?" The interviewee F relates that she had a lot of difficulty understanding the subject of macroeconomics in the classroom: "Well, I would never learn macroeconomics with the class that I had in the faculty (...) inside the faculty, we have some subjects that were not just theory". A point to be mentioned is that she liked macroeconomics when she had access to Impactos and ended up integrating the department of macroeconomics within the organization.

According to Gondim (2002) in his research the students complained that there was a disconnect between what was learned in the classroom with the requirements of the labor market. The little proximity that professors have with the market is also a decisive factor for this. The interviewee D relates that having these information and contact with the market was important for her training:

Então, a gente tinha palestra pra caramba, algumas empresas que ajudavam... A nossa formação mesmo, então, palestra de gente de mercado, coisas que não tinham muito dentro da faculdade. (...) a AYRA, principalmente, te levava muito para o mercado de trabalho, coisa que a faculdade não te dá muito, acho que a faculdade te forma muito num lado mais acadêmico. (D)

Another point pointed out in the research of Gondim (2002) was that the traditional curriculum many times is out of sync and takes time to encompass new demands and practices of the market. The interviewee D relates that she had access to a knowledge that she would not have, at that moment, with the traditional curriculum, at AYRA: "In that era it was starting to be this thing of digital marketing. Then, Instagram was minimal. I researched a lot of these tools, it was very legal, we had a lot of training outside in relation to this as well. Then, it was a very good thing". She still says that the tools used in the market were only for

apresentadas a ela na AYRA: “Abriu muito a minha cabeça e me fez ter contato, de fato, com ferramentas que são utilizadas no mercado de trabalho”. Outro a falar desse descompasso foi o entrevistado L:

Eu tive muita dificuldade de entender o que eu consegui tirar de bom daquelas matérias ali, sabe? Eu não conseguia ver a aplicabilidade, a gente sabe, né? Quando o nosso ensino é arcaico, assim, é eleito o melhor do Brasil, não sei como, porque aquela história que a gente já sabe, né? Ficou muito antigo, desatualizado, enfim, defasado mesmo o nosso curso. (L)

Como o mostrado pelas pesquisas dos autores Barbosa, Rabelo Neto e Moreira (2015) e Queiroz, Oliveira Sobrinho e Alexandre (2018) o empreendedorismo é pouco difundido entre as grades curriculares dos cursos, inclusive o de administração. Na pesquisa eles utilizaram as empresas juniores como um fator muito importante para a disseminação do espírito empreendedor nos alunos. O entrevistado B, que não participou da empresa júnior e sim da atlética, é um empreendedor do próprio mercado universitário, trabalhando hoje com atléticas, e comenta sobre essa defasagem vista por ele no currículo:

Principalmente a nossa parte de empreendedorismo. Realmente o curso de ADM, eu acho que é muito defasado nessa área e eu acho que a atlética tem muito esse viés de ir lá e você colocar a mão na massa e fazer, enfim, sem estrutura conseguir mobilizar os estudantes, fazer produtos, fazer eventos, isso tudo sem estrutura, sem dinheiro, então foi algo que me auxiliou. (B)

Como explicitado na pesquisa de Castro (2008) existem alguns ônus de se trabalhar em organizações estudantis. A autora fala de problemas nas relações sócias próximas, como namoradas e familiares, além de problemas com o currículo tradicional. O ônus mais citado nas entrevistas, foi o maior tempo na graduação. O currículo do curso de Administração da UFRJ tem programado nove semestres para término do curso, mas se pegarmos a lista de entrevistados e olharmos para o período de início e o fim da graduação apenas uma pessoa se formou no tempo e outra, ainda não formada, pode se formar no tempo proposto pela faculdade. Sabemos que outros fatores podem levar a um atraso no tempo de conclusão, mas o trabalho nas organizações estudantis parece ser um deles. O entrevistado D cita o tempo de trabalho na organização:

Em que pese que, obviamente, eu vou falar do óbvio, você demora mais tempo para se formar, você está fazendo uma atividade em paralelo que te consome esforço, tempo. (...) Teve um momento que eu foquei mais na faculdade, a partir daí a faculdade andou mais, teve um momento que eu foquei mais movimento estudantil e o que eu fazia ali rendeu mais. É natural. (D)

Como destacado na pesquisa de Palma *et al.* (2018) o tempo de trabalho dos participantes das organizações estudantis pesquisadas chegou a 32 horas semanais, mais do que uma carga horaria normal de estágio de 30 horas semanais.

Fatores externos, como falado na pesquisa de Castro (2008), também apareceram nas entrevistas. O entrevistado J lembra que sofria uma certa pressão da família que achava que a presença nas organizações estudantis poderia levar a um atraso no término da graduação: “Ainda vou falar, em casa eu tomei muita pressão por causa disso”. O entrevistado J foi o único, já formado, a terminar a graduação no tempo proposto, mas logo depois ele mostra um pouco de arrependimento de ter largado o seu trabalho na atlética para focar em outras coisas:

E o pior de tudo que eu... Cara, vou até confessar aqui, foi o pior erro que eu já tive dentro da minha faculdade, foi ter largado vocês naquela época. De coração, de coração, sendo sincero. Se me falasse assim, qual foi o seu maior arrependimento dentro da faculdade? Cara, eu não vou falar de matéria, não vou falar nada. Eu vou falar de não ter dado continuidade depois de um ano, teria ficado mais um ano, que conseguiria ter ficado mais um ano. (J)

Barbosa (2014) relata em sua pesquisa que a maioria dos gestores de A.A.A (Associações Atléticas Acadêmicas) não tinham apoio financeiro, institucional ou estrutural da universidade. Como aponta Siqueira e Rocha (2008) muitas dessas organizações estudantis e as ações tomadas por elas não são nem conhecidas pela universidade. Somente uma ex-membro da AYRA, entrevistada I, relatou que tinham professores que a ajudavam no seu trabalho na organização estudantil: “A gente tinha professores do curso de administração que ajudavam a gente dentro da AYRA”. Outro ex-membro da AYRA, entrevistado H, parece complementar e coloca a supervisão dos professores como um acontecimento muito esporádico: “Apesar de até no estatuto de Empresa Júnior, você ter que contar com a ajuda, você tem que ter um professor orientador. A figura do professor em oitenta por cento dessas EJs é nula”. As Empresas Juniores são as únicas organizações estudantis que é obrigatória a presença de professores, mesmo assim a participação de professores como aconselhadores ou até supervisores, dentro dessas organizações estudantis, parece ser realmente nula. Tirando a entrevistada I, nenhuma outra pessoa contou alguma ajuda direta, mostrando que não há participação dos professores nas outras organizações. O entrevistado H ainda cita um outro problema:

Para atlética, não sei nem se dentro do próprio curso de Educação Física, por exemplo, se tem apoio, entendeu? Porque muita gente é contra choppada, e muita gente é conta diversas outras ações da atlética, entendeu? Então, você tem que ir contra tudo, todas as vezes, e, geralmente, contra os órgãos oficiais da faculdade, para que determinadas ações sejam realizadas. (H)

### 4.3. Formação Profissional

A pesquisa de Gondim (2002) apresenta que a formação da identidade profissional é construída ao longo da trajetória universitária. Porém, muitos alunos acabam o curso sem entender a sua identidade profissional, pois não tem clareza nas competências e habilidades adquiridas ao longo do curso. O entrevistado L parece corroborar com a pesquisa do autor: “Eu sinto que aprendi muito pouco das matérias em si. Eu tenho muitas dificuldades de entender o que que eu aprendi na faculdade, que eu aplico hoje em dia, sabe?” Ainda na pesquisa de Gondim (2002), ele mostra que alguns estudantes apresentaram como um fator de não ter encontrado a sua identidade profissional, o pouco apoio ou até na inexistência das empresas juniores nos seus cursos. O entrevistado L parece, mais uma vez, corroborar com a pesquisa e completa a frase:

Porque na empresa júnior assim, eu tenho, eu tenho essa clara visão, assim. Clara, assim, muito, muito nítida. (...) eu diria que se não fosse empresa júnior, filho, eu não sei onde eu estaria hoje no mercado de trabalho, seriamente assim, porque me ajudou muito a me entender ser como profissional. (L)

Todos os entrevistados afirmaram que as organizações estudantis os ajudaram a entender a sua escolha da carreira, identidade profissional. Dois pontos se destacaram nesse tema: tanto o direcionamento para o que querem fazer, como a descoberta do que não querem para as suas carreiras. Todos os entrevistados parecem corroborar com a pesquisa de Gondim (2002) que afirma que a identidade profissional é moldada na faculdade e que muitas vezes o curso não consegue te dar essa identidade profissional.

Segundo as entrevistas, a grande abertura que existe nas organizações estudantis e a possibilidade de você conseguir passar em diversas áreas e ter autonomia para aprender, implementar e testar as suas capacidades e gostos, fazem com que você tenha uma experiência, mesmo que pequena, em várias áreas o que acaba por moldar primeiro o que você não quer para sua carreira profissional. A entrevistada G fala um pouco do todo: “Ter participado de uma organização estudantil, me ajudou a criar uma noção de mundo. Então, eu acho que me ajudou a entender o que eu não quero para minha vida.”. O entrevistado H, que participou de muitas organizações e em diversos departamentos, fala dessa liberdade de poder participar de muitas áreas ao longo da sua trajetória nas organizações:

Ajudam a sedimentar competências que ainda tão crescendo, né? E que de fato você nem iria reconhecer que é uma excelente competência para tua carreira. Pô, ah, cara, não sei se eu gosto de marketing, sim, tal. Vou tentar finanças, aí você gosta de finanças pelo seu gosto, mas você não tem tanta habilidade para isso, você não é uma pessoa tão lógica, você pode ser uma pessoa até mais de conectar pontos, mas você não faz o cálculo do dia a dia. Pô, vai para o marketing que você seria bem melhor,

mas você nunca foi exposto, como é que você vai saber? Então, acho que essa é a grandessíssima vantagem de participar. (H)

Ele depois completa com a sua experiência pessoal, quando participou do processo seletivo da AYRA:

Você era alocado de acordo com as competências que eram reconhecidas na entrevista que você fazia para entrar. Então, eu acabei sendo exposto ao marketing. Eu gostei do marketing, mas não era aquilo que eu queria trabalhar como um todo, né? Eu passei depois uma pequena experiência de gestão de pessoas que aquilo sempre ficou na minha cabeça, plantou uma semente. (H)

O entrevistado L também aborda o tema das competências que ele conseguiu distinguir nele:

Participando da área comercial, mas eu não tinha muita aptidão porque não tenho dicção para vender, para ninguém, nem poder de convencimento. Eu fui entendendo mais que minha área estava mais por trás mesmo da comunicação se envolvendo mais com a área de redes sociais e marketing. (L)

Outro que fala dessa experiência é o entrevistado J:

Ali, acaba sendo um laboratório para você. Entende? Por exemplo, tudo que as instituições estudantis fazem, de, a nível de organograma, por exemplo, financeiro. Será que eu quero isso para minha vida? (...) é a mesma coisa? Não, não é, mas você começa a ter um cheiro, entende? (...) Quando eu entrei como diretor financeiro lá, eu falei, cara, não é isso que eu quero, entende? O que eu quero trabalhar é trabalhar com uma parte de esporte. Então, pude trabalhar com isso na faculdade e foi, para mim, excelente. (J)

Além de apresentar, aos entrevistados, o que eles não gostariam de fazer, muitos acabam sendo apresentados para o seu rumo profissional. Em que pese aqui, que todos são muito jovens e que a carreira só está começando e novos rumos podem ser tomados, mas as experiências vividas sempre estarão com eles. As organizações estudantis têm papel importantíssimo a formação da identidade profissional. Essa identidade parece ser formada, como disse Gondim (2002), junto com a trajetória universitária, então a escolha pela organização parece já ser um início dessa formação da identidade. A entrevistada I lembra que já era um objetivo dela a descoberta da identidade profissional: “quando eu entrei na Ayra, eu entrei muito com essa, com esse intuito, né? Minha missão era entender o que que eu gostava de verdade”

O entrevistado A destaca que essa identidade é múltipla e que pode abarcar diversos setores: “Bom, hoje eu trabalho na UPA, né, mano? No setor público e tal. Quebrar um pouco essa ideia de que o serviço público, o servir né? O que é público é bom, é ruim, etcetera, enfim. Eu aprendi um pouco no CA, que a gente tem que valorizar e tem que melhorar, de alguma maneira, né?”. A entrevistada F fala que descobriu o ambiente que ele gostaria de trabalhar, no

caso o mercado financeiro: “Na real, assim, ele me fez enxergar um ambiente que eu queria trabalhar. (...) Eu comecei a pensar nisso depois que fui para Impactos”.

A entrevistada E lembra que foi efetivada na AYRA na área de gestão de pessoas e que acabou de se descobrindo: “Quando fui efetivada, fui para gestão de pessoas, que, na verdade, nunca tinha pensado nisso antes na faculdade, foi uma área que eu me apaixonei, trabalho com RH até hoje (...) nunca tinha passado na minha cabeça recursos humanos e foi na AYRA que eu descobri o que eu era”. Fato que também foi mostrado por outro ex participante da AYRA e de outras organizações, o entrevistado H: “A ideia foi amadurecida depois de eu passar pela comissão, passar pela AYRA, passar um pouquinho pela atlética que de fato assentou na minha cabeça e tipo, pô, eu não sou um profissional de marketing, eu quero ser um profissional de RH”. A entrevistada I entende que o processo da formação da identidade profissional foi acelerado: “Aí, entendi que a minha carreira, que o que eu gosto de fazer, tá mais voltado pra parte de recursos humanos, de gestão de pessoas. Então, acredito que sem essas organizações, eu teria, eventualmente, descoberta em algum momento da vida, mas acelerou muito”. O entrevistado L parece concordar: “Provavelmente teria achado algum outro caminho e tudo mais, mas me ensinou um pouco mais sobre o que eu queria seguir depois.”.

Outros caminhos, talvez menos comuns, podem ser achados dentro da sua trajetória nas organizações estudantis. A entrevistada F fala que sua trajetória no CADM ajudou na sua aproximação da parte acadêmica: “Me ajudou também a me aproximar mais com o mundo acadêmico”. O entrevistado J fala de um caminho ainda mais inesperado:

Hoje um projeto meu, que eu tenho, foi um filho da atlética, nasceu na Atlética, nasceu lá, jovem, faz o Pagode do Bruxo, zoação, zoação, e "pummm" tá aí... Pô, querendo ou não, cara, faz a minha remuneração, faz a remuneração do H., faz a remuneração do P. Maneiro pra caramba. (J)

O Pagode do Bruxo surgiu de uma brincadeira dentro do alojamento dos Jogos de Administração, principal evento esportivo que a A.A.A.A UFRJ disputava. O entrevistado B acabou por encontrar não só a sua identidade profissional, mas sim o mercado para empreender:

Sim, hoje em dia eu trabalho com atléticas, né? Eu tenho uma empresa que trabalha com atléticas, então isso com certeza foi definitivo para que eu escolhesse, né? Para que caminho eu iria, né? Então, realmente a ideia da minha empresa surgiu por conta da atlética e, hoje em dia, eu trabalho com, com essas atléticas, né? então com certeza isso foi decisivo para que eu escolhesse o meu o caminho profissional. (B)

Ele tem um software para gestão de atléticas, se aproximou tanto do mercado que vislumbrou uma inovação ele.

Um dos pontos lembrados pelos entrevistados foi a utilização dessa experiência, nas organizações estudantis, nas entrevistas e processos seletivos para entrada no mercado de trabalho. O entrevistado J lembra que na sua entrevista para o emprego atual, ele se valeu da sua vivência no ambiente universitário para exaltar as suas qualidades:

Por exemplo, cara, quando eu tive a entrevista, me falaram, quais são as suas conquistas? Pô, comecei a falar, eu fundei a Atlética, fiz o quinto maior jogos universitários do Rio de Janeiro, movimenteí um curso de oitocentas pessoas (...) eu só utilizei exemplos da faculdade. Eu estagiei durante dois anos dentro de uma empresa, mas eu só usei exemplos da faculdade porque eu tive comportamentos mais maduros dentro da faculdade. (J)

Outra a lembra que se valeu dessas experiências para mostrar o seu potencial na entrevista de emprego foi a entrevistada K: “Quando perguntam as suas experiências, você fala sobre isso. E é isso que vai me ajudando a mostrar o quão qualificada eu era para a vaga que queria entrar”.

Quando perguntados se eles conseguem utilizar conhecimentos ou valores aprendidos nas organizações estudantis no seu trabalho hoje, algumas palavras tiveram destaque. “Trabalho em equipe”, “Falar em público”, “Comunicação”, “Liderança”, “Responsabilidade”, “Pró atividade”, “Sentimento de dono”, “Multidisciplinar” ou “Generalista” e “Resiliência” foram muito lembradas nas entrevistas. Alguns outros aspectos comportamentais também foram lembrados. Outros aspectos mais ligados a ferramentas que os ajudam hoje, como *Excel* ou *Photoshop*, foram lembrados por membros da AYRA. Como lembrado pela entrevistada I:

Eu vejo um diferencial. E, assim, não só da minha parte, né? Mas eu faço contratação de diversas pessoas e você acaba vendo o diferencial que uma pessoa que tem experiência, que explorou a experiência dela dentro da faculdade, essa pessoa acaba tendo um diferencial para outras, entendeu? Você vê uma parte de soft skills que no mercado de trabalho a gente entende que é muito mais valoroso você ter soft skills desenvolvidas do que hard skills, porque hard skills você aprende. (I)

A fala dela demonstra a mesma coisa que foi aferida nas entrevistas, os aspectos comportamentais parecem ser muito mais difundidos nas organizações estudantis do que propriamente o desenvolvimento de ferramentas.

Dois dos entrevistados falaram que utilizam quase a mesma dinâmica no trabalho quando usavam nas épocas de organização estudantil. O entrevistado B lembra que: “Fui aprendendo aí na atlética, isso se aplica a basicamente todas as dinâmicas que eu uso hoje em dia dentro da empresa, assim, tanto na questão do marketing, da gestão de redes sociais de gerir outras pessoas, né?” O entrevistado D lembra que para a liderança do time usa as mesmas dinâmicas que usava:

Eu, hoje, me sinto no trabalho carregando muito do que eu aprendi no movimento estudantil. Claro que eu não vou dizer isso para eles, não cabe, mas a verdade é que sim. Então, eu cheguei hoje lidero um time que chegou a ser em três estados, dez pessoas. Eu uso as mesmas dinâmicas, sabe? Eu uso as mesmas ferramentas de condução, modelo de gestão como um todo, da mesma forma, da mesma forma. (D)

Apesar disso, outros dois entrevistados não conseguem enxergar paralelos tão claros dos tempos de organização estudantil para sua realidade hoje. A entrevistada I fala que é difícil enxergar esses paralelos:

Porque assim, a bagagem mesmo no dia a dia, assim, eu não consigo fazer muitos paralelos, a gente acaba não usando, porque é a estrutura é muito diferente porque hoje eu estou numa empresa grande, multinacional, então eu estou cheio de processo, tem hierarquia, que coisa que não tinha na nos movimentos, né? Na atléica principalmente. (I)

Outro a diferenciar os ambientes da organização estudantil do mercado de trabalho é o entrevistado J: “Não tem como porque é muito arcaico. É muito simples, amador.”.

O que podemos analisar das entrevistas é que pessoas que estão a mais tempo no mercado de trabalho tendem a conseguir conceitualizar melhor quais os aspectos, que o tempo dentro da organização estudantil, deram para eles na sua formação profissional e acadêmica.

#### **4.4. Formação Pessoal**

Como o mostrado por Siqueira e Rocha (2008) a vivencia dentro das organizações também são muito importantes para formar os aspectos comportamentais do cidadão. As experiências vivenciadas dentro do ambiente das organizações modificam comportamentos ou até valores para a vida. O entrevistado A lembra da sua mudança do ensino médio:

Eu saí do ensino médio, pô, era um cara totalmente tímido, fechado, assim, eu fui obrigado a falar com a galera, a buscar gente, falar, enfim entrar em sala pra divulgar as paradas e acho que isso me desenvolveu também como pessoa. Além de todos os contatos que eu fiz lá, com esse jeito de tudo quanto é opinião, tudo quanto é tipo, tudo quanto é lugar, assim, foi bem interessante. (A)

O entrevistado C apresenta suas experiencias em organizações estudantis políticas: “Então, acho que, principalmente, das organizações que eu tive um vínculo político, isso fez com que eu virasse um cidadão mais consciente, até das estruturas organizacionais.”. A entrevistada F também aborda um aspecto político: “Me ajudou cem por cento a entender o mundo, entender primeiro meus privilégios, entender a falta de privilégio pra outras pessoas e me ajudou a me colocar no meio desse cenário caótico, que é o Brasil.”. Outra em falar da diversidade é a entrevistada I:

e assim, até eu mesma que já convivía com uma diversidade, eu consegui ver mais diversidade ainda dentro da faculdade. E quando você participa dessas instituições, o seu lado pessoal, ele acaba aflorando porque você encontra muitas pessoas diferentes de você, diferentes em essência, diferentes de jeito, de estilo, mas que está todo mundo junto por um motivo em comum. (I)

Outra a apresentar a diversidade é a entrevistada K: “E aprendi que, cara, as pessoas são muito diferentes. Estar no mesmo objetivo que você, mas fazer por meios totalmente diferentes, assim, e mesmo assim você tem que respeitar, tem que entender, que as pessoas são diferentes, e está tudo bem”.

Outro a apresentar sua mudança foi o entrevistado D: “Eu, sem dúvida alguma, antes de tudo, eu era muito tímido e então eu posso dizer que com tranquilidade que isso mudou muito, assim, minha vida como um todo. pessoa mais extrovertida, mais comunicativa, mais empática e sei lá, quase que mais inteligente, sabe?”. A entrevistada E fala que a mudança da responsabilidade adquirida: “Então, assim, você está basicamente saindo da adolescência, que você depende dos seus pais e tudo mais... Se qualquer coisa acontecer, você sabe que tem alguém atrás e quando você entra nessas paradas, cara, a responsabilidade é tua. Se você não fizer, as coisas não vão acontecer.” O entrevistado H também fala sobre a responsabilidade: “Então, ser uma pessoa mais responsável, eu digo que as duas experiências foram, assim, intrínsecas à construção desse valor pra mim”. O entrevistado J fala sobre propósito:

Propósito, é ser um cara que busca um propósito, um cara que tem sentimento de dono, cara, é minha cara. O que que é atlética para você? Porra, porra nenhuma, cara, para pensar, porra nenhuma. Mas cara, eu estou aqui porque eu acredito, porque eu acho que isso aqui pode ser melhor e eu acredito que isso daqui irá fazer a vida das pessoas que tão dentro do campus melhor, ou senão a trajetória vai ser um pouco mais tranquila. (J)

O entrevistado L fala que aprendeu um pouco a fazer as coisas por paixão: “Por tá trabalhando ali de graça, né, e assim, quem realmente quer se dedicar, não trabalha pouco, eu acho que eu aprendi muito sobre um pouco desse amor”. Outra a falar em paixão é a entrevistada F: “quando a gente faz as coisas por, por paixão, assim, eu acho que dá certo.”

Os valores citados pelos entrevistados nada mais são que a essência das organizações estudantis, um movimento social. E essa parte social, segundo Siqueira e Rocha (2008), que faz a construção do cidadão. A sala de aula pode te formar um profissional melhor, um acadêmico melhor, mas as suas relações sociais vão formar o cidadão que você é hoje.

Dentro desse ambiente social, que são as organizações estudantis, criam-se laços sociais. Na pergunta sobre laços sociais as respostas foram mais incisivas. Foram comuns respostas do tipo “com certeza” ou “claro”. Talvez isso seja mais materializável, já que os amigos costumam

fazer mais parte das vidas e não são definidos em conceitos. O que impressionou foi a força dos laços sociais construídos nas organizações estudantis. Muitos usaram “Amigos para vida toda”, muitos falaram que o seu círculo mais forte de amizade, dentro da faculdade, é formado por pessoas que eles trabalharam dentro das organizações. Um dos motivos mais falados para esses laços tão fortes foi o “Perrengue”. Como mostrado por Barbosa (2014) as organizações estudantis não têm muito apoio institucional. Muitas vezes, elas não gozam de muito prestígio por parte da universidade, mesmo sem pesquisa que comprovem tal fato. As pessoas que estavam ali do lado desses entrevistados, remando para um mesmo objetivo, viram um alicerce. No final das contas todas essas organizações estudantis são feitas para os laços como dito pelo entrevistado J, um dos fundadores da atlética, com muito orgulho: “A gente mudou a vida de pessoas, entende? Tem uma porrada de gente que é amigo hoje, amigo mesmo, de gente da atlética, que fez amizade da época de atlética”

## 5. Considerações Finais

As respostas apresentadas nas entrevistas confirmam a importância das organizações estudantis na formação desses discentes, tanto nos aspectos acadêmicos, profissionais e pessoais. A experiência universitária tem diversos atores e diversas subjetividades da trajetória do aluno. No entanto, essas organizações são participantes da formação de todos os alunos, mesmo que de forma indireta, se posicionando como um dos principais agentes de formação no ambiente universitário.

Podemos destacar que a maioria dessas organizações estudantis são feitas de alunos para alunos, essa diferença marcante entre os outros atores da formação universitária caracteriza uma diferença do que é absorvido pelos discentes.

O amor que podemos perceber pela organização e a vontade de transformação em busca do bem comum, acentua essa vontade de união entre o curso. Foi marcante o quanto essas organizações ficaram presentes nas trajetórias dos entrevistados e a forma que foram lembradas quando perguntados das suas experiências dentro da faculdade, sendo muitas vezes a trajetória na organização a mais exaltada. A importância dada para a união do curso evidencia o primeiro aspecto que as organizações parecem contribuir com a trajetória do aluno. O sentir-se bem dentro do ambiente universitário faz com que as coisas pareçam fluir melhor para esses entrevistados, chegando ao ápice de impedir a evasão do curso.

A vontade de expandir esse sentimento, para todos os alunos, parece ser a principal motivação para entrada nas organizações estudantis. A importância dada pelos entrevistados ao sentimento do outro, com o curso de uma forma geral, foi notória. Muitas ações que foram descritas aqui, por parte dos estudantes dentro das organizações estudantis, foram com o objetivo de melhorar a trajetória universitária de todos, mesmo os que não se fazem presentes no trabalho da organização no dia a dia. Cada uma dessas organizações tem seu papel e aspecto abordado por ela, mas o objetivo do bem comum parece estar atrelado a todas elas.

A escolha, por parte do estudante, da organização estudantil que ele participou pode evidenciar a formação de uma identidade, tanto pessoal quanto profissional. Cada pessoa tem o seu papel na sociedade e a sua maneira de contribuir com o todo. As organizações estudantis, de fato, têm papéis distintos na construção do ambiente universitário, como evidenciado nas entrevistas. Ao olhar para dentro e perceber em quais desses papéis a pessoa se encaixa, ela já está tendo um gostinho das escolhas que fará daqui para frente.

Mesmo com o trabalho que essas organizações fazem para o curso, a universidade, como instituição, parece bem distante delas. A falta dessa relação entre os docentes, servidores e a própria universidade para com as organizações estudantis também ficou evidenciada nas entrevistas. A UFRJ parece não entender que essas instituições fazem parte da formação dos seus alunos e podem ser cruciais para formar quem serão os seus egressos. A autonomia do movimento estudantil tem que ser preservada, mas a instituição tem o dever de saber o que acontece dentro do seu ecossistema. Até para saber o que está ou não seguindo os preceitos da UFRJ.

Como vimos, ao longo do texto, alguns entrevistados falaram um pouco da diferença de um estágio para o trabalho na organização estudantil. Muitos deles falaram que encontraram a prática nas organizações estudantis e mesmo quando tiveram um estágio aprenderam mais nas organizações. Nas organizações estudantis o poder de decisão dos alunos é muito maior, na sua maioria. Eles podem assumir papéis de gestores nessas organizações, muito diferente do ambiente de estágio que, muitas vezes, tem tarefas que não contribuem para o desenvolvimento do aluno. Tendo como base a resposta dos entrevistados, que conceituaram a experiência do estágio como mais precária que a experiência nas organizações estudantis. A UFRJ poderia considerar a prática na organização estudantil como análoga ao estágio, abrindo assim a possibilidade de se apresentar um relatório do que foi feito dentro dessas organizações para a matéria de estágio supervisionado.

Na prática, a UFRJ tem muito mais condições de supervisionar os trabalhos desses alunos dentro das organizações estudantis, que fazem parte do seu ecossistema, do que em uma empresa de fora. Essas organizações abarcam muito das teorias que são ensinadas no curso e poderiam ter a supervisão de professores. Todas têm desafios diários de Recursos Humanos, Finanças, Logística, Marketing... É a possibilidade de o corpo docente ver qual a aplicação e de qual maneira os seus alunos estão colocando essas teorias na prática. Além disso, essa aproximação pode levar a um desenvolvimento de uma nova forma de apresentar esse conhecimento com realidades mais próximas dos alunos. Tudo isso só parece mudar caso tenha uma mudança do pensamento institucional.

Novos trabalhos podem explicar e até contextualizar de que maneira essa junção, entre a instituição e as organizações estudantis, pode ocorrer. Quais são as principais melhoras dentro da sala de aula e dentro das organizações estudantis? Quais conhecimentos são transferidos nessa junção? Outros trabalhos podem explicar, melhor, o porquê essas instituições não têm o

seu valor reconhecido pelas universidades. A imagem da instituição também é levada pelos seus alunos nos jogos das atléticas, nos projetos da empresa júnior, nos atos dos CAs... De que maneira isso afeta a visão de pessoas de fora para com as universidades, também pode contribuir para materializarmos o quanto essas organizações contribuem ou não para a formação da imagem da instituição.

As organizações estudantis podem ser a saída para algumas demandas que não estão sendo supridas pela UFRJ. O esporte tem papel importante na formação do cidadão e na sua saúde mental e física. Hoje, são as atléticas que exercem o papel de fomentar as atividades esportivas dentro da UFRJ. Essas instituições precisam de mais apoio institucional, muitas delas não têm salas ou infraestrutura mínima para realizar o seu trabalho. No nosso campi, Praia Vermelha, não existe nem uma quadra poliesportiva. Nos aspectos sociais, muitas vezes, as organizações estudantis que fazem a agenda cultural da universidade, ou que promovem ações para os mais necessitados ou causas sociais. Uma ajuda estrutural poderia levar a uma melhora ainda maior dos ganhos vistos nesse trabalho.

Como visto nas entrevistas, a trajetória dentro das organizações estudantis foi essencial para formação de uma identidade profissional dos entrevistados. O grande protagonismo profissional que as organizações estudantis te proporcionam ainda em um ambiente de ensino e aprendizagem, atrelado a liberdade para transitar em diversas áreas e poder implementar as suas ações, mudanças e afins, mas com uma responsabilidade de fazer acontecer. Acabam por formar, na opinião dos entrevistados, um profissional mais capacitado.

Muitas características foram citadas nas entrevistas, que foram desenvolvidas nas organizações, mas estão muito mais no âmbito comportamental. O apoio institucional poderia ser importante para aliar as ferramentas ao comportamental. Muitos entrevistados tiveram dificuldades em falar o que realmente foi aprendido na organização, tirando a parte de comportamentos e características. Isso também apareceu em relação ao currículo formal. O processo de junção dessas trajetórias, sala de aula e organizações, pode ajudar os alunos a caracterizarem o conhecimento e motivá-los a se aprofundarem em assuntos que são expostos na organização ou na sala de aula.

A palavra mais usada nas entrevistas foi “pertencimento”. Essa noção de pertencimento pode vir de uma escolha qual organização estudantil trabalhar. As organizações têm propósitos e deveres diferentes, jeitos de trabalho diferentes, e isso se reflete no público que trabalha nessas organizações. Uma escolha dentro desse ambiente enorme de possibilidades pode levar a essa

noção de pertencimento. Outra possibilidade se dá, como já foi citado nesse trabalho, no tipo de trabalho, já que a maior parte das organizações fazem trabalhos para melhorar a trajetória dos alunos dentro do curso. Como já visto, elas são muito importantes para a criação de um bom ambiente no curso. Um outro aspecto pareceu pesar mais nessa noção de pertencimento, para os entrevistados, que foi a formação de laços sociais.

A trajetória nessas organizações parece ter deixado um legado não só nas partes acadêmicas, profissionais e comportamentais, mas bem como nas pessoas que eles continuam estando por perto. O trabalho dentro das organizações pareceu ser a melhor oportunidade de formar laços sinceros, muitos entrevistados citaram os companheiros de organização como “amigos para sempre”. Também exaltaram que essas organizações os permitiram conhecer pessoas diferentes, que talvez eles não teriam criado uma amizade apenas nos encontros em sala de aula. Esses laços parecem formar essa noção de pertencimento com o curso, onde o aluno está feliz em participar e fazer Administração UFRJ.

Todos os entrevistados reconheceram que a participação nas organizações estudantis representou um ganho na sua formação, chegando a classificar uma trajetória sem as organizações como uma “formação pobre”. A multiplicidade de escolhas que você tem na faculdade, principalmente na UFRJ, universidade pública, é enorme. Mas essas escolhas são parte integrante dessa formação e muitas vezes na melhor formação de seus pares. O movimento estudantil necessita de uma continuidade, de pessoas com propósito de elevar essas organizações e deixar para o futuro uma maior estrutura para os que estão por vir, nesse ciclo que é a formação universitária. A participação em ações fora da sala de aula parece ser muito benéfica para a formação do aluno de Administração da UFRJ. O aluno pode aproveitar todos os caminhos e possibilidades que esse ecossistema proporciona, que vão muito além do currículo tradicional.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, C. G. **Liderança na gestão do esporte universitário**: proposta da criação de uma rede de dados. 2014. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, Rio Claro, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/108687>. Acesso em: 15 jan. 2021.
- BARBOSA, F. L. S.; RABELO NETO, A.; MOREIRA, N. R. Empresa júnior e formação empreendedora de discentes do curso de administração. **Teoria e Prática em Administração**, João Pessoa, v. 5 n.2, p. 167-189, 2015. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/39241/empresa-junior-e-formacao-empreendedora-de-disc--->. Acesso em: 20 jan. 2021.
- BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF. Presidência da República, 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 25 jan. 2021.
- CASTRO, L. R. Participação política e juventude: do mal-estar à responsabilização frente ao destino comum. **Revista Sociologia Política**, Curitiba, v. 7 n. 30, p 253-268, jun. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/BV6fYy8ghNMjyyMh7Q9VSwN/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 01 set. 2021
- FIOR, C. A.; MERCURI, E. Formação universitária e flexibilidade curricular: importância das atividades obrigatórias e não obrigatórias. **Psicologia da Educação**, São Paulo, v. 29, p. 191-215, 2º sem. de 2009. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-69752009000200010](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752009000200010). Acesso em: 16 jan. 2021.
- GASKELL, G. Entrevistas Individuais e Grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (org). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 64-89.
- GONDIM, S. M. G. Perfil profissional e mercado de trabalho: relação com a formação acadêmica pela perspectiva de estudantes universitários. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 7 n.2, p. 299-399, 2002. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294x2002000200011&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294x2002000200011&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 20 jan. 2021.
- GIL, A. C. Pesquisa social. In: GIL, A. C. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. cap. 3.
- GÜNTHER, H. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 22 n. 2, p. 201-210, mai./ago. 2006. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010237722006000200010&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010237722006000200010&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 15 fev. 2021.

MOZZATO, A. R.; GRZYBOVSKI. Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da administração: potencial e desafios. **RAC**, Curitiba, v.15 n.4, p. 731-747, jul./ago. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rac/v15n4/a10v15n4.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2021.

PALMA, D. D.; *at al.* Perfil dos gestores do esporte universitário do município de São Paulo. **Revista Intercontinental de Gestão Desportiva**, Rio de Janeiro, v.8 n.2, p. 151-162, maio/ago. 2018. Disponível em: <http://www.revista.universo.edu.br/index.php?journal=gestaoesportiva&page=article&op=view&path%5B%5D=6727>. Acesso em: 20 jan. 2021.

QUEIRÓZ, J. R.; OLIVEIRA SOBRINHO, L. V.; ALEXANDRE, M. L. O. Dinâmica empreendedora no processo de formação acadêmica: o papel de empresas juniores. **Interface**, Natal, v. 5 n. 2, p. 133-147, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://ojs.ccsa.ufrn.br/index.php/interface/article/view/89>. Acesso em: 18 jan. 2021.

SIQUEIRA, V. H. F.; ROCHA, G.W. F. Práticas sociais de estudantes de medicina na universidade pública: celebrações, eventos e cidadania. **Trabalho Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 7 n. 1, p. 149-165, mar./jun.2009. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1981-77462009000100008&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1981-77462009000100008&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 15 jan. 2021.

ZANELLI, J. C. Pesquisa qualitativa em estudos da gestão de pessoas. **Estudos de Psicologia**, Natal, v.7 n. spe, p. 79-88, 2002. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413294X2002000300009&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413294X2002000300009&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 15 fev. 2021.

## **Apêndice A – Roteiro de entrevistas**

Nome:

Idade:

Ano de início da graduação:

Ano de término:

Quais organizações estudantis participou:

Cargos que ocupou:

- 1) Conte um resumo da sua trajetória na faculdade com foco nas organizações estudantis. Quando entrou, cargos que teve, eventos que participou, conquistas, momentos marcantes...

### **Formação Acadêmica**

- 2) Na sua visão, ter participado de organizações estudantis agregou na sua formação acadêmica? Por quê? (Alves e Mercuri (2009))
- 3) Você conseguiu usar conhecimentos adquiridos nas aulas na organização estudantil ou conhecimentos adquiridos na organização estudantil nas aulas? (Siqueira e Rocha (2008))
- 4) Você considera a participação na organização estudantil essencial para sua formação acadêmica? (Alves e Mercuri (2009))
- 5) Sua relação com o curso melhorou com a participação na organização estudantil? Por quê? (Barbosa (2014))

### **Formação Profissional**

- 6) Você considera que a sua participação na organização estudantil ajudou na sua escolha de carreira? (Barbosa (2014))
- 7) Você consegue aplicar ensinamentos ou valores aprendidos na organização estudantil no seu trabalho hoje? Quais? (Queiroz, Oliveira Sobrinho e Alexandre (2008))
- 8) Você considera que a sua participação na organização estudantil te ajuda no trabalho? Em quais aspectos? (Palma *et al.* (2018))

- 9) Você considera que a participação na organização estudantil foi essencial para sua trajetória profissional? (Gondim (2002))

### **Formação Pessoal**

- 10) Qual a importância da organização estudantil na formação dos seus valores pessoais? (Siqueira e Rocha (2008))
- 11) A participação na organização estudantil foi importante para a formação de laços sociais? (Siqueira e Rocha (2008))